

Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

33

A Catequese nas suas relações com a Educação Litúrgica e a Prática da Misericórdia

Liturgia, escola da Fé [9-21]

D. JOSÉ MANUEL CORDEIRO

Linguagem litúrgica e educação simbólica [23-37]

P. JOAQUIM GANHÃO

A misericórdia de Deus na Bíblia [39-55]

P. J. FRANCLIM PACHECO

Catequese e prática de misericórdia [57-66]

P. JOSÉ MANUEL PEREIRA DE ALMEIDA

**XXVI Domingo do Tempo Comum. Encerramento
das Jornadas Nacionais de Catequistas** [67-70]

D. NUNO BRÁS

Edição e Propriedade

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Contribuinte: 501104038

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Telef.: 21 885 12 85 Fax: 21 885 13 55

E-Mail: snec@snec.pt

Diretor

Acácio José Pereira Lopes

Conselho de Redação

Manuel Pelino Domingues, Anacleto Oliveira, António Francisco dos Santos,
António Moiteiro Ramos, Nuno Brás Martins, Cristina Sá Carvalho.

Sede da Redação

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Paginação e Montagem

Ângela Baptista

Tiragem

550 exemplares

Condições de assinatura

Número Avulso: 6 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

Ideografia

Aristides Dourado

Nº de Registo

124627

Impressão

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354-909 Torres Novas

Depósito legal

221 724/05

Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas

Editorial

DIÁC. ACÁCIO JOSÉ PEREIRA LOPES (*)

Apresentamos na **primeira parte** deste novo número da revista «Pastoral Catequética» duas das conferências proferidas no 54^o. *Encontro Nacional de Catequese*, que ocorreu em março de 2015, em Castelo Branco, em que nos debruçamos sobre a importância determinante da Liturgia e da educação litúrgica na Catequese.

D. José Manuel Cordeiro, Bispo de Bragança-Miranda, abriu o referido Encontro com uma comunicação intitulada «*Liturgia, escola da Fé*». O título é justificado logo na abertura da sua comunicação: “a Igreja transmite a fé, celebrando a Liturgia”; “a Liturgia é a primeira e grande escola permanente da fé e da vida espiritual, porque aí a Igreja celebra sempre o mesmo e único mistério de Cristo”. Na realidade, “o centro da Liturgia é a Páscoa de Cristo, fulcro de toda a história da salvação, ou melhor, o mistério de Cristo como história da salvação”.

Na Igreja, este mistério da ação salvífica de Cristo assume a “fisionomia da ação ritual”. Não se trata de um simples “culto ou cerimonial religioso”, mas, verdadeiramente, “o exercício do Sacerdócio de Cristo”. É neste sentido que a Liturgia representa a “fonte” e “ponto culminante” da ação da Igreja. É por esta razão que D. José Cordeiro conclui deste modo a sua comunicação: “a Liturgia é a fé celebrada nos momentos mais sagrados; é a Bíblia rezada, a espiritualidade da Igreja atuada e o vértice e a fonte de toda a ação pastoral”.

Está assim explicada e fundamentada a razão pela qual a Liturgia é “a primeira escola da fé” e apontado o caminho para a necessidade essencial de uma verdadeira formação litúrgica; “não tanto (como) doutrina a

(*) Diretor.

compreender, mas (como) uma fonte de luz e de vida para a inteligência e a experiência do mistério”. E continua D. José Cordeiro, “a celebração dos mistérios é em si mesma iniciação aos mistérios, isto é, a liturgia inicia ao mistério, celebrando o próprio mistério, porque, ao celebrá-lo, o mistério revela-se e dá-se a conhecer”. É por isso que, essencialmente, “a educação acontece na participação. A própria celebração é a escola mais eficaz da educação litúrgica”. Daí a “urgente necessidade de educar para a *ars celebrandi*”.

Na sua comunicação, «*Linguagem Litúrgica e Educação Simbólica*», o **Pe. Joaquim Ganhão** afirma que “nenhuma pedagogia é mais eficaz do que a experiência sacramental do mistério”: “a liturgia é uma escola de fé e de oração, de humanidade e de cristianismo”.

Em primeiro lugar, sendo a liturgia o “exercício da função sacerdotal de Cristo”, toda a ação litúrgica deverá converter-se num “encontro consciente com Deus”. Tendo a formação cristã como objetivo fundamental o “encontro com Cristo vivo”, tal experiência deste encontro passará necessariamente pela mediação dos sinais simbólicos que manifestam a presença sacerdotal, viva e real, de Cristo na celebração litúrgica, e pela sua progressiva compreensão.

Em segundo lugar, a catequese deverá ser, cada vez mais, mistagógica, isto é, deve tornar-se caminho de introdução na vida litúrgica. “Na verdade, não haverá vida litúrgica autêntica sem o conhecimento do mistério celebrado na liturgia”. E conhecer e compreender os gestos litúrgicos, que são simbolicamente gestos do próprio Cristo, torna-se condição para conhecer o próprio Cristo e todo o seu mistério.

Em terceiro lugar, “celebrar a liturgia é também realizar o mais importante ato de transmissão da fé”. Na verdade, “o verdadeiro sentido da liturgia encontra-se e adquire-se no seu lugar próprio, na celebração da comunidade a que pertencemos”.

Por isso, a catequese tem “necessariamente de introduzir as crianças e adolescentes naquilo a que poderíamos chamar a «vida normal» da comunidade, nos seus sinais quotidianos”. O desafio que se nos apresenta “é o da redescoberta da seriedade, da simplicidade e da beleza da liturgia” (sem meros formalismos ou tentações de espetacularidade). “A autêntica festa litúrgica é antes de mais interior, silenciosa, calma e sóbria, porque é a festa da fé”. Há que assegurar esta continuidade entre a catequese e

a vida da comunidade, porque “só no encontro que se torna inserção na comunidade (...) fará sentido celebrar a Eucaristia e colher dela os seus frutos”.

O Pe. Joaquim Ganhão termina a sua comunicação com uma breve referência ao aproveitamento, para a formação catequética, das múltiplas manifestações da chamada «religiosidade popular».

Dedicamos a **segunda parte** deste número da nossa Revista ao tema crucial da misericórdia de Deus, que ocupou as reflexões e orientou as comunicações apresentadas nas últimas *Jornadas Nacionais de Catequistas*, realizadas em setembro de 2015, em Fátima, antecipando a abertura do ano jubilar da Misericórdia proclamado pelo Papa Francisco, e que estamos presentemente a celebrar e a viver.

Na sua comunicação, centrada n’«*A Misericórdia de Deus na Bíblia*», o **Pe. Franclim Pacheco**, após uma breve referência à Bula «*Misericordiae Vultus*», em que o Papa Francisco proclama o ano jubilar, mergulha numa análise ao tema da misericórdia no Antigo Testamento. Começando pelo Livro do Êxodo, em que o sinal da misericórdia divina se evidencia primeiramente como “escuta ativa” das manifestações e clamores do seu povo resultantes das situações de miséria e opressão a que estava sujeito na terra do Egito e, por intermédio de Moisés, se propõe corrigir tal injustiça, conduzindo o seu povo a uma nova terra “que mana leite e mel” e de que deverá tomar posse e onde fará correr a justiça e a misericórdia humana que seja correspondente à justiça e misericórdia do próprio Deus, o Pe. Franclim Pacheco percorre, seguidamente, os Profetas como “os grandes defensores da justiça de Deus que exige do homem (...) um agir em consonância com a sua misericórdia”.

O Novo Testamento representa o culminar da história de um Deus de misericórdia apostado na salvação de todos os homens, a ponto de entregar ao mundo o seu próprio Filho unigénito “para que todo o que nele crer não morra mas tenha a vida eterna”. Perante este Deus, «entranhas de misericórdia», “o homem é chamado a receber, com gratidão, a misericórdia de que tem necessidade” e, correspondentemente, “interpelado a tornar-se misericordioso com o próximo, com o irmão, com o inimigo. (...) A misericórdia exige a profunda conversão do homem”. O Pe. Franclim Pacheco ilustra-nos esta relação entre a misericórdia de Deus e a misericórdia entre os homens

servindo-se de vários episódios e parábolas manifestos nos evangelhos, designadamente em Mateus e em Lucas, em que “Deus é sempre apresentado como o modelo: na perfeição, na compaixão, no perdão”.

Na sua comunicação, «*Catequese e prática da Misericórdia*», plena de conteúdo e sentido objetivo e extremamente bela na forma da sua apresentação, o **Pe. José Manuel Pereira de Almeida** centra-se, para nos falar da *prática* da misericórdia, na parábola do «Bom Samaritano», servindo-se, como pano de fundo para a sua exposição, do «ícone da Misericórdia», encomendado ao atelier francês de iconografia S. João Damasceno pela Comunidade Ecuménica de Taizé na celebração do centenário do nascimento do seu fundador, o Ir. Roger.

Na verdade, a parábola, o seu conteúdo e o seu sentido pleno, coloca-nos perante a objetividade prática da misericórdia: “O amor que é cumprimento da Lei não está definido por prévios limites de proximidade. É mesmo ele, esse amor, que te pede que sejas criador de proximidade”. Os “únicos critérios de decisão são a objetiva condição da necessidade e a objetiva possibilidade de lhe ir ao encontro” (pura gratuidade). Na sua realidade plena, o «bom samaritano» é Jesus (como aliás é sugerido pelo ícone atrás referido), mas, no seu sentido prático, a parábola representa um convite aos discípulos de Jesus (a nós, seus discípulos) a “tornarem-se criadores de proximidade”, “um chamamento a assumirem os mesmos critérios e os modos de relação reconhecidos em Jesus para com eles”. «Vai e faz tu o mesmo» propõe Jesus, na sequência da parábola, ao doutor da Lei que o havia interrogado sobre quem seria o seu próximo, tendo em conta a necessidade do cumprimento da Lei.

“Agora somos nós”, conclui o Pe. José Manuel Pereira de Almeida.

A finalizar o presente número da nossa Revista, apresentamos, pela sua riqueza espiritual prática, a *homília* proferida por **D. Nuno Brás da Silva Martins** na Eucaristia de encerramento das referidas Jornadas Nacionais de Catequistas.

Liturgia, escola da Fé

D. JOSÉ MANUEL CORDEIRO (*)

Introdução

A Liturgia é a primeira e a grande escola permanente da fé e da vida espiritual, porque aí a Igreja celebra sempre o mesmo e único mistério de Cristo. Educar à participação em ordem a uma experiência viva no mistério de Cristo e da Igreja é um enorme desafio. Trata-se de uma ciência e uma arte de tornar os ritos e as orações profundamente comunicativos.

A Igreja transmite a fé, celebrando a Liturgia. Os Padres da Igreja sublinharam-no de modo esclarecedor: *«para o cristão a fé vem antes de tudo o mais. Por isso mesmo, em Roma, dá-se o nome de fiéis aos que foram batizados, e o nosso pai Abraão foi justificado pela fé, não pelas obras. Recebestes o batismo, tendes fé. Não me é permitido julgar de outro modo, pois não terias sido chamado à graça, se Cristo não te tivesse julgado digno da sua graça»*¹.

A Liturgia reafirma na celebração do Batismo e também na celebração da Confirmação, no momento da renovação das promessas batismais, esta consciência fundamental ao proclamar: «Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja que nos gloriamos de professar em Jesus Cristo» e ainda na celebração da Eucaristia ao rezarmos «não olheis aos nossos pecados, mas à fé da vossa Igreja».

(*) Bispo de Bragança-Miranda.

¹ AMBRÓSIO DE MILÃO, *De sacramentis* 1,1.

Ainda mais clarividentes são as palavras do decreto conciliar *Presbyterorum Ordinis*: «a Eucaristia aparece como fonte e coroa de toda a evangelização, enquanto os catecúmenos são pouco a pouco introduzidos na participação da Eucaristia, e os fiéis, já assinalados pelo sagrado Batismo e pela Confirmação, são plenamente inseridos no corpo de Cristo pela recepção da Eucaristia»².

Todavia, às vezes, chego a pensar que a Liturgia é a dimensão que mais se esbanja na Igreja. Para muitos, a Liturgia deixou de ser uma fonte da qual se bebe a água pura e bela do mistério e um vértice que se deseja alcançar e passou a ser um problema que se deve resolver. Estou, também, convencido que «o futuro do cristianismo no Ocidente depende muito da capacidade que a Igreja tiver para fazer da Liturgia a fonte da vida espiritual dos crentes»³.

Na realidade, «a renovação litúrgica é o fruto mais visível de toda a obra conciliar. Para muitos, a mensagem do Concílio do Vaticano II foi percebida, acima de tudo, através da reforma litúrgica»⁴. O Papa Francisco não esquece o valor da Liturgia na obra da evangelização quando escreve: «a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar»⁵.

1. A Liturgia da Igreja

Antes de mais, o que se entende por Liturgia? Até há pouco tempo ainda se pensava que fosse um conjunto complexo de rubricas e detalhes cerimoniais do culto divino que escapavam aos não iniciados.

A Liturgia é a ação da Igreja em que se torna presente Cristo, isto é, a ação salvífica de Cristo na Igreja, assumindo a fisionomia de ação ritual. O centro da Liturgia é a Páscoa de Cristo, fulcro de toda a história da salvação, ou melhor, o mistério de Cristo como história da salvação.

² *Presbyterorum Ordinis* 5.

³ G. BOSELLI, *Il senso spirituale della Liturgia*, Comunità di Bose 2011, 7.

⁴ J. PAULO II, *Vicesimus quintus annus* 12.

⁵ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 24.

«Que é a Liturgia senão a voz uníssona do Espírito Santo e da Esposa, a santa Igreja, que bradam ao Senhor Jesus: “Vem”? Que é a Liturgia senão aquela fonte pura e perene de “água viva”, da qual cada pessoa sedenta pode haurir gratuitamente o dom de Deus (cf. Jo 4,10)?»⁶.

Etimologicamente, a palavra **leitourgia**, composta de **laos** (povo) e **ergon** (ação), significa a ação, o serviço realizado em favor do povo. Assim, o termo, **leitourgia**, indica uma ação comum realizada de maneira pública que exige um povo, uma assembleia, uma comunidade. Ao nível teológico, o **ergon** da Liturgia é teândrico – a obra divina do povo e, ao mesmo tempo, a obra do povo de Deus.

A Constituição sobre a Sagrada Liturgia salienta que através da Liturgia e mediante o conjunto dos sinais sensíveis eficazes do culto da Igreja se exercita a obra sacerdotal de Cristo, ou seja, a santificação do homem e a glorificação de Deus. Por conseguinte, não se entende por Liturgia a parte exterior do culto ou o cerimonial religioso, mas a celebração da fé, isto é, o exercício do sacerdócio de Cristo e o culto público integral.

Embora a Liturgia não esgote toda a ação da Igreja, *«ela representa, porém, a sua fonte e o ponto culminante. É fonte porque aí, sobretudo nos Sacramentos, os fiéis vão beber abundantemente a água da graça, que mana do lado de Cristo crucificado. Para usar uma imagem de que gostava o Papa João XXIII, ela é como que a fonte da aldeia, à qual todas as gerações vêm beber a água sempre viva e fresca. É também o ponto culminante, porque toda a atividade da Igreja tende para a comunhão de vida com Cristo; e é na Liturgia que a Igreja manifesta e comunica aos fiéis a obra da Salvação, realizada por Cristo de uma vez para sempre»⁷.*

O grande objetivo da reforma litúrgica operada pelo Concílio, não é tanto uma mudança de ritos e textos, mas sim suscitar a formação dos fiéis e promover a ação pastoral que tenha como vértice e fonte a Liturgia. Por este motivo, *«o esforço desta ação pastoral centrada na Liturgia deve tender a fazer viver o Mistério pascal»⁸*. O Concílio acalentava o desejo profundo de ver na Liturgia uma manifestação da Igreja. A Liturgia é a Igreja em oração.

⁶ J. PAULO II, *Spiritus et Sponsa* 1.

⁷ J. PAULO II, *Vicesimus quintus annus* 22.

⁸ Inter Oecumenici 6.

Ao celebrar o culto divino, a Igreja exprime aquilo que é: una, santa, católica e apostólica.

E o Catecismo da Igreja Católica recorda com clareza: «*No Novo Testamento, a palavra «liturgia» é empregada para designar, não somente a celebração do culto divino mas também o anúncio do Evangelho e a caridade em ato. Em todas estas situações, trata-se do serviço de Deus e dos homens. Na celebração litúrgica, a Igreja é serva, à imagem do seu Senhor, o único “Liturgo”, participando no seu sacerdócio (culto) profético (anúncio) e real (serviço da caridade)»⁹.*

Podemos, portanto, dizer que a Liturgia é a fé celebrada nos momentos mais sagrados; é a Bíblia rezada, a espiritualidade da Igreja atuada e o vértice e a fonte de toda a ação pastoral da Igreja.

2. Liturgia, a primeira escola da fé

A Liturgia é a primeira escola da fé, onde se conhece o mistério de Deus, celebrando-O. A Liturgia é a fé da Igreja em ato. À luz das escrituras e da tradição, a fé da Igreja inspirou a oração litúrgica, plasmou os gestos sacramentais, tornou-se visível na iconografia e na arquitetura, audível nos cânticos e na música.

A Liturgia realiza uma aprendizagem da fé, não apenas racionalmente, mas pelos sentidos. A Liturgia é um mistério que se escuta, vê, toca, saboreia e cheira. A Liturgia vale por si mesma como o amor.

Como pensava o grande pedagogo da Liturgia, Romano Guardini, «*é pois mister, antes de mais, apreender aquele ato vivo, pelo qual o fiel compreende, recebe e executa os santos “sinais sensíveis da graça invisível”. Trata-se em primeiro lugar de “formação litúrgica” não de informação litúrgica, embora dela se não deva separar»*¹⁰. A formação litúrgica é, por isso, de capital importância.

⁹ Catecismo da Igreja Católica 1070.

¹⁰ R. GUARDINI, *Sinais sagrados*, Editorial Franciscana, Braga 1962, 10-11.

Juntos, somos convidados a caminhar com um renovado entusiasmo na vida cristã e atuar este programa no quotidiano, tornado vida através da arte de bem celebrar o mistério de Cristo na Liturgia.

Precisamos de uma Liturgia séria, simples, bela, que seja experiência do mistério, permanecendo, ao mesmo tempo, inteligível, capaz de narrar a perene aliança de Deus com os homens. Jean Guitton escreveu: «é necessário uma liturgia simultaneamente simples e bela. Uma liturgia com *numen*, isto é, mistério, e com *lumen*, isto é, inteligibilidade».

Que seja um equilíbrio entre a Palavra e o Sacramento – equilíbrio entre a palavra, o canto, o silêncio e o rito. Por isso será necessário conhecer bem o que a Liturgia nos convida a realizar em cada celebração sacramental, e apreender, em profundidade, o sentido das suas propostas.

A íntima relação que existe entre a Liturgia e os sacramentos foi claramente salientada pelo Vaticano II: «os sacramentos estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e, enfim, a prestar culto a Deus; como sinais têm também a função de instruir. Não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por meio de palavras e coisas, razão pela qual se chamam sacramentos da fé. Conferem a graça, a cuja frutuosa recepção a celebração dos mesmos otimamente dispõe os fiéis, bem como a honrar a Deus do modo devido e a praticar a caridade»¹¹.

Os sacramentos têm a função de santificar, de edificar a Igreja e têm um alcance litúrgico, como atos de culto. Como sinais têm a função de instruir no mistério da fé. A Liturgia é, portanto, o lugar dos sacramentos e a sua celebração funciona como pedagogia da fé e da experiência cristã. Ainda se assegura que são sacramentos da fé, por um tríplice nível:

- A) a fé é anterior (*supõem*);
- B) a fé está neles (*alimentam*);
- C) a fé é posterior (*fortificam*).

A vida cristã não pode existir sem eles, porque o sacramento não é mero apêndice, mas é um dos elementos constitutivos do itinerário da fé.

¹¹ *Sacrosanctum Concilium* 59.

Por isso, na ação litúrgica dos sete sacramentos (Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Unção dos Doentes, Ordem e Matrimônio) reconhece-se a comunidade cristã, ao receber a salvação e ao prestar o culto divino.

3. A mistagogia

A Liturgia não é tanto uma doutrina a compreender, mas uma fonte de luz e de vida para a inteligência e a experiência do mistério. Ela «é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão de beber o espírito genuinamente cristão. Esta é a razão que deve levar os pastores de almas a procurarem-na com o máximo empenho, através da devida educação»¹². A tão necessária educação litúrgica a que referem os números já citados têm de ser lidos à luz do número 7 da SC¹³, apresentando uma visão teológica da Liturgia, centrada no mistério pascal de Cristo e a sua ação salvífica na Igreja.

O Papa Francisco na homilia da Missa celebrada a 7 de março na Paróquia de Todos os Santos em Roma, reafirmou-o luminosamente: «... a Constituição conciliar Sacrosanctum Concilium define a liturgia como “a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão de beber o espírito genuinamente cristão” (n. 14). Isto significa reafirmar a relação essencial que une a vida do discípulo de Jesus e o culto litúrgico. Isto não é, antes de mais, uma doutrina para compreender ou um rito para realizar; é naturalmente também isto mas de outra maneira, é essencialmente diferente: é uma nascente de

¹² Sacrosanctum Concilium 14.

¹³ «Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro – «o que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz» – quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt. 18,20). Em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai. Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus Cristo – cabeça e membros – presta a Deus o culto público integral. Portanto, qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja» (Sacrosanctum Concilium 2).

vida e de luz para o nosso caminho de fé. Portanto, a Igreja chama-nos a ter e a promover uma vida litúrgica autêntica, para que possa haver sintonia entre o que a liturgia celebra e o que nós vivemos na nossa existência. Trata-se de exprimir na vida quanto recebemos mediante a fé e quanto aqui celebrámos (cf. Sacrosanctum Concilium, 10)»¹⁴.

A concretização prática de tal desejo do Concílio passa pela formação teológico-litúrgica, espiritual e pastoral de todos, em especial pela formação dos pastores. *«É um campo em que muito falta ainda por fazer: ou seja, para ajudar os sacerdotes e os fiéis a compreenderem o sentido dos ritos e dos textos litúrgicos, para aperfeiçoar a dignidade e a beleza das celebrações e dos locais; e para promover, à maneira dos Padres da Igreja, uma “catequese mistagógica” dos sacramentos»¹⁵.*

A palavra mistagogia provém do grego *mustes*, que significa iniciado e *agein* que quer dizer conduzir. Pela etimologia já percebemos que significa ser conduzido para o mistério que é «Cristo em nós, esperança da glória» (Cl 2,19).

A necessidade urgente da formação litúrgica é também recordada pela exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa*: *«... é necessário um grande esforço de formação. Tendo como finalidade favorecer a compreensão do verdadeiro sentido das celebrações da Igreja e ainda uma adequada instrução sobre os ritos, tal formação requer uma autêntica espiritualidade e a educação para vivê-la em plenitude. Por conseguinte, há que promover ainda mais uma verdadeira “mistagogia litúrgica”, com a participação ativa de todos os fiéis, cada qual segundo as próprias competências, nas ações sagradas, particularmente na Eucaristia»¹⁶.*

A educação litúrgica passa também através de uma catequese que favoreça o conhecimento do significado da liturgia e dos sacramentos. *«Embora a sagrada liturgia seja principalmente culto de majestade divina, é também abundante fonte de instrução para o povo fiel. Efetivamente, na liturgia Deus fala ao seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho.*

¹⁴ FRANCISCO, Homilia na ocasião do 50º aniversário da celebração eucarística em língua italiana celebrada pelo Beato Paulo VI, 7 de março de 2015.

¹⁵ J. PAULO II, *Vicesimus quintus annus* 21.

¹⁶ J. PAULO II, *Ecclesia in Europa* 73.

*Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração»¹⁷. A catequese litúrgica¹⁸ «*explica o conteúdo das orações, o sentido dos gestos e dos sinais, educa para a participação ativa, para a contemplação e para o silêncio. Deve ser considerada como “uma forma eminente de catequese”*»¹⁹. Todavia, em sentido estrito, ao que chamamos de catequese litúrgica, é propriamente uma catequese pré-litúrgica, enquanto prepara para o encontro na ação celebrativa da fé, que é a Liturgia.*

Enfim, a educação litúrgica está intimamente ligada à participação ativa dos fiéis (clérigos, religiosos e leigos) e deve ser realizada tendo em conta «a idade, condição, género de vida e grau de cultura religiosa»²⁰ de cada um.

Educar à participação no mistério não é somente uma animação litúrgica. Trata-se de uma verdadeira pastoral litúrgica, no sentido de ser uma ciência e uma arte de tornar os sinais da liturgia profundamente comunicativos e de ser um momento de reflexão sistemática sobre a atividade litúrgica da Igreja.

A educação em chave mistagógica, própria do primeiro milénio, recupera-se e apresenta-se a Teologia litúrgica através do mistério de Cristo e da história da salvação com o mistério celebrado e a centralidade do mistério pascal de Cristo atualizado na assembleia orante. Nenhuma aula de teologia ou de teologia litúrgica pode substituir a experiência do mistério que se celebra na ação litúrgica.

A mistagogia é um modo de fazer teologia, já que, «o método base desta teologia é a tipologia bíblica»²¹. Frequentemente, entende-se por mistagogia a explicação dos ritos litúrgicos ou a catequese sobre os sacramentos com particular incidência na Iniciação Cristã. Contudo, esta não pode ser entendida somente no âmbito da catequese ou espiritualidade, mas deve ser considerada como verdadeira e própria teologia, ou melhor, uma teologia

¹⁷ *Sacrosanctum Concilium* 33.

¹⁸ «*Procure-se também inculcar por todos os modos uma catequese mais diretamente litúrgica, e prevejam-se nos próprios ritos, quando necessário, breves admoções, feitas só nos momentos mais oportunos, pelo sacerdote ou outro ministro competente, com as palavras prescritas ou semelhantes*». (*Sacrosanctum Concilium* 35).

¹⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório geral da catequese n. 71*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa 1998, 80.

²⁰ *Sacrosanctum Concilium* 19.

²¹ E. MAZZA, *La mistagogia. Le catechesi liturgiche della fine del quarto secolo e il loro metodo* (BELS 46), Edizioni Liturgiche, Roma, 1996, 9.

litúrgica para a inteligência progressiva da iniciação ao mistério. A celebração dos mistérios é em si mesma iniciação aos mistérios, isto é, a liturgia inicia ao mistério, celebrando o próprio mistério, porque ao celebrá-lo, o mistério revela-se e dá-se a conhecer.

Na literatura patrística, a mistagogia é um género literário que busca o sentido da celebração litúrgica, é a ação de conduzir ao mistério, ou melhor ainda, é a ação pela qual o mistério conduz os iniciados ao cristianismo. A partir da liturgia, a mistagogia com o seu método tipológico não é só uma mera iniciação a esta, mas é uma compreensão do único mistério de Cristo contido nas Escrituras e celebrado na ação litúrgica, correspondendo-se, mutuamente, a dialética da promessa e do cumprimento.

A metodologia usada pela patrística pretende atingir a mesma finalidade com a tipologia bíblica, pelo que, a mistagogia é a tipologia aplicada aos sacramentos.

A Liturgia, como indica a etimologia da palavra é ação. Não só se educa à Liturgia, mas a Liturgia educa a partir dela mesma, endereçando-se mais à corporeidade que à racionalidade como uma sinergia de toda a pessoa com todas as suas capacidades, enquanto celebra e reza. Também o Papa Francisco o frisou com convicção num encontro com os Párocos de Roma: «celebrar é entrar e fazer entrar no mistério, num espírito de oração»²².

A educação acontece na participação. A própria celebração é a escola mais eficaz da educação litúrgica. A Liturgia é em si mesma mistagógica e introduz ao mistério celebrando o próprio mistério. Ela pode converter-se numa escola permanente da fé e da oração, ou melhor na primeira escola da fé²³, que educa verdadeiramente para o primado da graça. A mistagogia é, com efeito, o nutrir-se da Liturgia que se celebra e o guiar para o Mistério.

Os Bispos Italianos nas recentes orientações para o anúncio da catequese em Itália propuseram-se ao desafio da mistagogia e escreveram: «a mistagogia é tempo propício de passagem da extraordinariedade da experiência iniciática – substanciada pela riqueza dos sacramentos

²² FRANCISCO, Encontro anual com os Párocos de Roma, 19.02.2015.

²³ J. M. CORDEIRO, *Liturgia, a primeira escola da fé. Carta pastoral por ocasião do Ano da Fé*, Lisboa 2012.

celebrados – à ordinariedade de uma vida comunitária centrada na Eucaristia; é tempo da memória do dom recebido, tempo de uma experiência bela de Igreja e, por isso, de uma pertença envolvente, numa idade na qual a vida explode em toda a sua complexidade e intensidade»²⁴. A Liturgia é lugar educativo e revelador do Mistério da fé da Igreja.

Há urgente necessidade de educar para *ars celebrandi* e para a beleza da liturgia na arte para a liturgia. A arte de celebrar não pode contemplar só a execução fiel das rubricas e normas litúrgicas, mas a capacidade de interpretar o programa celebrativo às exigências da fé e da comunidade cristã.

A mistagogia litúrgica é a continuação e a atualização do mistério de Cristo e da história da salvação, celebrada por meio dos ritos e dos sinais. A liturgia não é só memória mas presença no “*hodie*” litúrgico; ela celebra sempre o mistério de Cristo que «...é sempre igual e igual na sua plenitude. Revela-se na sua plenitude e não nos seus desenvolvimentos. O desenvolvimento é humano, a plenitude é divina»²⁵.

Nunca é demais recordar Paulo VI, no discurso de clausura da 2ª sessão do Vaticano II, a 04.12.1963, ao afirmar solenemente: «*não ficou sem fruto a discussão difícil e intrincada, pois um dos temas – o primeiro a ser examinado e o primeiro, em certo sentido, na excelência intrínseca e na importância para a vida da Igreja – o da sagrada Liturgia, foi felizmente concluído e é, hoje, por nós solenemente promulgado. Exulta o nosso espírito com este resultado. Vemos que se respeitou nele a escala de valores e dos deveres: Deus, em primeiro lugar; a oração, a nossa primeira obrigação; a Liturgia, fonte primeira da vida divina que nos é comunicada, primeira escola da nossa vida espiritual, primeiro dom que podemos oferecer ao povo cristão que junto a nós crê e ora, e primeiro convite dirigido ao mundo para que solte a sua língua muda em oração feliz e autêntica e sinta a inefável força regeneradora, ao cantar conosco os divinos louvores e as esperanças humanas, por Cristo Nosso Senhor e no Espírito Santo»²⁶.*

²⁴ CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. *Incontriamo Gesù, Orientamenti per l'annuncio e la catechesi in Italia* 62, Ancora, Milano 2014.

²⁵ O. CASEL, *Presenza del mistero di Cristo. Scelta di testi per l'anno liturgico* (Meditazioni 115), Queriniana, Roma 1995, 34.

²⁶ PAULO VI, «Discurso na clausura da 2ª sessão do II Concílio do Vaticano (04.12.1964)», AAS 56 (1964) 34.

O Papa Francisco recorda a necessidade e a oportunidade da mistagogia: «*Outra característica da catequese, que se desenvolveu nas últimas décadas, é a iniciação mistagógica, que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã. Muitos manuais e planificações ainda não se deixaram interpelar pela necessidade duma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa. O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre duma ambientação adequada e duma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta*»²⁷.

Conclusão

Conforme a nota pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa de 2012: «**não basta mostrar a nossa concordância com os documentos do Concílio Vaticano II e o Catecismo da Igreja Católica**, publicado há 20 anos como sua aplicação catequética. **É preciso fazer descer à prática quotidiana a riqueza dos seus ensinamentos**»²⁸.

A Liturgia, como o coração da Igreja, que acredita e celebra o mistério que vive em estado permanente de missão. Como é que a Liturgia que celebramos, transmite a fé? Como é que na Liturgia se segue a Cristo, fundamento da fé da Igreja?

O seguimento de Cristo pode ser vivido de formas variadas, mas é nas ações litúrgicas que Cristo está de modo especial presente. Por isso,

«a Liturgia é estar à volta da pessoa do Senhor, escutá-lo, falar-lhe, rezar-lhe, deixá-lo rezar por nós. Tudo isto que os Evangelhos referem de Jesus entre a gente é uma antecipação da Liturgia e por sua vez a Liturgia é uma continuação dos Evangelhos»²⁹.

²⁷ FRANCISCO, *Evangelium Gaudium* 166.

²⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Nota Pastoral, *Celebrar e viver o Concílio Vaticano II* 1, (19.04.2012).

²⁹ C. MARTINI, *La liturgia mistica del prete. Giovedì santo-omelia nella Messa crismale, Duomo di Milano 9 aprile 1998*, Centro Ambrosiano, Milano 1998, 10.

A Liturgia apoia-se em três aspetos constitutivos: a escuta da Palavra, a visão da Glória e a experiência do Mistério³⁰. Estes são três pontos essenciais da mesma realidade típica da ritualidade cristã, de conformação antropológica da espiritualidade litúrgica. Na escuta da Palavra revelada, fundamenta-se o rito litúrgico. A Liturgia é um anúncio e antecipação da visão da Glória futura, qual contemplação do rosto de Deus. A experiência do Mistério realizada nas celebrações litúrgicas, faz-nos centrar sempre em Jesus, para que seja Ele a iluminar e a guiar. Os mesmos aspetos da Liturgia são os modelos organizativos que conformam a antropologia à Liturgia.

Ao celebrar o culto divino, a Igreja exprime aquilo que é: una, santa, católica e apostólica. «*A comunidade cristã reunida é a manifestação mais evidente da Igreja. Essa é sinal eficaz, mysterium, sacramento fundamental. É sacramento fundamental porque é corpo de Cristo, porque quem opera nela e através dela é Cristo, o sacramento originário*»³¹. E porque a Igreja é o sacramento de unidade, as ações litúrgicas pertencem a todo o corpo da Igreja.

A adesão profunda à reforma conciliar da Liturgia comporta uma nítida conversão eclesiológica. S. João Paulo II sublinhou-o, afirmando: «*na liturgia o Mistério da Igreja é verdadeiramente anunciado, saboreado e vivido*»³².

Em ordem ao futuro da renovação litúrgico-espiritual, o mesmo Papa salientou: «*A Liturgia da Igreja é algo que vai muito além da reforma litúrgica. Não nos encontramos na mesma situação que se vivia em 1963; há uma geração de sacerdotes e de fiéis que não chegaram a conhecer os livros litúrgicos anteriores à reforma; e é ela que hoje assume a responsabilidade na Igreja e na sociedade. Por conseguinte, não se pode continuar a falar de mudança, como na altura da publicação do documento, mas sim de aprofundamento cada vez mais intenso da Liturgia da Igreja, celebrada segundo os livros atuais e vivida, primeiro que tudo, como um acontecimento de ordem espiritual*»³³. Da renovação ao aprofundamento, eis o impulso para o futuro da pastoral e espiritualidade litúrgicas.

³⁰ Cf. VALENZIANO, «"vedere la Parola". Liturgia e ineffabile», *EO* 9 (1992) 121-140.

³¹ K. RICHTER, «La liturgia e i sacramenti nel nuovo paradigma», *Regno* 7 (2005).

³² J. PAULO II, *Vicesimus quintus annus* 9.

³³ J. PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus* 14.

Todos os sinais na Liturgia têm de ser verdadeiros. Por exemplo, uma imitação de vela ou de uma flor não conduzem a nada. Uma leitura mal proclamada, uma fração do pão que não se vê, uma bênção dada a correr não nos comunicam o mistério.

Concluo com palavras dos Bispos Portugueses, no texto de 2005, *Para que acreditem e tenham vida, orientações para a catequese atual*: «Na verdade, a liturgia é uma fonte de evangelização, enquanto diz (narra) o essencial da fé ao longo do ano litúrgico e introduz no mistério celebrado»³⁴. Da catequese à liturgia e à caridade, somos chamados a transmitir a íntima natureza da Igreja. A Palavra, os sacramentos e o amor são três dimensões inseparáveis da antiga e sempre nova evangelização.

³⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Para que acreditem e tenham vida, orientações para a catequese atual 2b*, (23.06.2005).

Linguagem litúrgica e educação simbólica

P. JOAQUIM GANHÃO (*)

Introdução

Formação para a linguagem simbólica

Antes de apresentar alguns aspetos mais práticos relativamente ao tema proposto – Linguagem Litúrgica e Educação Simbólica – gostaria de assinalar esta questão como um desafio fundamental no itinerário da formação litúrgica atual¹, para depois nos determos em aspetos mais concretos e apontarmos alguns desafios que se colocam à catequese no nosso tempo.

O Concílio Vaticano II, fruto de um profundo trabalho de recuperação da tradição bíblica e patrística e de uma abertura consciente às exigências dos tempos novos, repropõe a liturgia cristã como um complexo de sinais sensíveis, significativos e, a seu modo, eficazes (SC 7). Para isso, promoveu uma reforma geral dos sinais litúrgicos, de modo que “exprimam mais claramente as coisas santas por eles significadas, e o povo cristão, na medida do possível, possa

(*) Pároco *in solidum* de Santarém (Divino Salvador-Sé, Marvila, S. Nicolau e S. Iria da Ribeira). Chefe de Gabinete Episcopal da Diocese de Santarém. Membro do Conselho Presbiteral e do Colégio dos Consultores. Diretor do Museu Diocesano de Santarém e do Secretariado de Liturgia. Presidente da Comissão Diocesana para os Bens Culturais da Igreja. Licenciado em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo, em Roma, e em Teologia pela Faculdade de Teologia da UCP, onde também fez a pós-graduação em Teologia Pastoral.

¹ Para ulteriores desenvolvimentos, veja-se: MAGGIANI, S., *Il Linguaggio Liturgico*, *Scienza Liturgica II*, Casale Monferrato 1998, 231-263; SARTORE, D., «Segno/Simbolo», *in: Liturgia*, Dizionario San Paolo, Ciniselo Balsamo (2001) 1853-1864; VALENZIANO, C., *Prospettiva culturale-Antropologica sulla Liturgia*, *Scienza Liturgica II*, Casale Monferrato 1998, 195-230; VALENZIANO, C., *Scritti di Estetica e di Poietica*, Bologna 1999; GIRARDO, L., «*Conferma le Parole della nostra fede*» *Il linguaggio della celebrazione*, Roma 1998.

facilmente compreendê-las e nelas participar por meio de uma celebração plena, animada e comunitária” (SC 21).

A liturgia cristã volta a ser, na experiência do povo cristão, um universo de sinais em que cada um deles, com a sua especificidade, introduz no Mistério de Cristo.

Na liturgia a comunicação do mistério e a comunicação com o mistério realizam-se através da mediação dos símbolos. A verdade dos mistérios litúrgicos realiza-se no interior de ações simbólicas. Aí, o símbolo intervém como elemento mediador de comunicação com o Mistério de Cristo, com o mistério dos irmãos e com o mistério de Deus.

Através dos símbolos verifica-se a dimensão descendente ou epifânica do mistério litúrgico, mas também a dimensão ascendente da resposta do Homem à oferta de Deus. Não podemos duvidar da importância desta tomada de consciência, da necessidade urgente de uma educação para a linguagem simbólica, como momento essencial da formação litúrgica e da iniciação cristã. A própria celebração da liturgia é o momento e o meio de iniciação mistagógica mais eficaz.

Não é necessário cair, como muitas vezes acontece, na instrumentalização da liturgia, porque ela, em si mesma, é mistagógica, comunicação do mistério, introdução ao mistério. Nenhuma pedagogia é mais eficaz do que a experiência sacramental do mistério. Neste sentido, importa referir que os ritos litúrgicos não suportam aquilo que podemos qualificar de uma certa criatividade “selvagem”, pois estes são rígidos na sua essência, conformes à ordem, repetem-se identicamente para simbolizar memorialmente o evento originário da salvação. A prática pastoral tem permitido descobrir que o evento pascal não se concebe, na liturgia, a qualquer preço ou condição, mas no respeito pelo fenómeno ritual-simbólico, que representa a mediação antropológica típica da liturgia cristã.

O desprezo pelo código humano pode tornar inútil e vão o fruto espiritual da liturgia, ao mesmo tempo que cada desvio semântico veicula significados opostos aos previstos². Se o rito for reduzido a qualquer coisa de útil e funcional,

² Cf. TAGLIAFERRI, R., «Quale modello di pastorale liturgica emerge dal Concilio?», *Rivista Liturgica* 79 (1992) 25-38.

facilmente estaríamos diante de um curto-circuito no qual o homem, propondo-se a si mesmo, não encontraria mais do que a ele próprio.

A liturgia pode converter-se numa escola permanente de educação litúrgica, sempre que e quando as celebrações forem verdadeira celebração do Mistério de Cristo, vivas e autênticas, feitas num clima de fé e de participação comunitária. A liturgia é uma escola de fé e de oração, de humanidade e de cristianismo. Por tudo isto todos somos convidados a um esforço de aprofundamento das enormes capacidades educativas e transformadoras da liturgia.

A SC “continua a servir de apoio à Igreja no caminho da renovação e da santidade, incrementando nela a genuína vida litúrgica. Os princípios enunciados neste documento servem de orientação também para o futuro da liturgia, de tal sorte que a reforma litúrgica seja cada vez mais compreendida e posta em prática. É necessário pois – e convém fazê-lo urgentemente – empreender de novo uma educação intensiva, que leve a descobrir todas as riquezas que estão contidas na liturgia”³.

Uma tal educação litúrgica contribuirá sempre para uma frutuosa passagem da reforma à renovação (da vida litúrgica). Tal renovação não diz tanto respeito aos textos e aos ritos, quanto ao espírito da liturgia e à importância que a celebração do Mistério de Cristo deve ter na vida de quem nela participa.

Por tudo o que acabámos de afirmar, é de todo oportuno o tema que agora nos propomos tratar: Linguagem Litúrgica e Educação Simbólica. Na verdade, sentimos que hoje as novas gerações têm grande dificuldade na compreensão dos sinais da liturgia, desde a compreensão da Palavra de Deus às diversas linguagens, aos sinais do pão e do vinho, aos gestos da celebração, à música e ao canto, às vestes, à matéria usada nos vários sacramentos e até à iconografia cristã. Há como que um curto-circuito cultural e afetivo que parece afastar em vez de aproximar e leva, tantas vezes, as crianças e adolescentes a evadirem-se da vida da comunidade e a manifestarem um verdadeiro enfado quando participam nas celebrações. Haverá alguma coisa a fazer? Quais os desafios que temos pela frente? Escolhi um compasso quaternário para desenvolver esta questão: num primeiro momento, partindo de SC 7 aludirei

³ VQA 14.

brevemente aos sinais da presença de Cristo na liturgia, para depois apontar a atualidade da mistagogia como uma redescoberta fundamental na catequese e na formação cristã em geral. Afrontaremos, depois, o modo como a liturgia do nosso tempo pode transmitir a fé, para concluirmos com o contributo da religiosidade popular para a catequese.

I. Sinais da presença de Cristo na Liturgia: SC 7

O Concílio Vaticano II, na SC 7, ao apresentar a liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo afirma os diversos modos como Ele está presente e age na liturgia:

*«Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na Sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no **sacrifício da Missa**, quer na **pessoa do ministro**... quer **sobretudo sob as espécies eucarísticas**. Está presente **com o Seu dinamismo nos sacramentos**... Está presente **na Sua Palavra**, pois é Ele quem fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, **quando a Igreja reza e canta**...*

Em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o Seu Senhor, e por meio dele presta culto ao Eterno Pai».

Como celebração do Mistério Pascal de Cristo, a liturgia encontra a sua própria razão de ser e o seu modo de agir como consequência da presença de Cristo nas ações litúrgicas. Com efeito, Jesus Cristo, como sumo-sacerdote, continua a agir no meio dos homens que formam a Sua Igreja por meio da Sua Palavra e dos Sacramentos. No entanto há uma presença invisível, eficaz e constante de Cristo na Sua Igreja, tanto nos homens como nas ações litúrgicas. A Constituição sobre a Sagrada Liturgia vê a função sacerdotal à luz da presença pessoal de Cristo e quer que toda a ação litúrgica se renove de modo a que se converta num **encontro consciente com Deus** (*Schmidt*).

A Constituição enumera os diversos tipos de presença:

- No sacrifício da Missa tanto na pessoa do ministro... como e, sobretudo, nas espécies eucarísticas;
- Com o Seu dinamismo nos sacramentos;
- Na Sua Palavra;
- Quando a Igreja reza e canta.

Trata-se, portanto, da função sacerdotal vista à luz da presença sacerdotal de Cristo.

Uma autêntica iniciação à celebração, no contexto do itinerário catequético, tem de ter em conta estes princípios aqui apresentados. Se toda a formação cristã conduz ao encontro com Cristo vivo, então a experiência do encontro com Ele passará necessariamente pela mediação destes sinais da celebração. Há uma presença que gera encontro, relação viva e transformante. Recordo que um dos catecismos que marcou a minha caminhada cristã na adolescência, já lá vão 35 anos, foi o “Cristo está no meio de nós”. Recordo esse catecismo como o tempo em que aprendi a “gostar” da missa porque passei a entender muitas coisas que antes me passavam despercebidas. Era todo sobre a Missa. E, como tínhamos a Missa logo a seguir à catequese e todos íamos, depois da catequese púnhamos em prática na celebração o que antes tínhamos refletido na sala. A compreensão da presença de Cristo nos sinais da celebração estrutura toda a participação na mesma, desde a sintonia interior à participação exterior, ao ambiente e aos frutos da celebração.

Temos hoje realidades diferentes em cada uma das nossas comunidades no que diz respeito à iniciação aos sinais da celebração. A frequência da catequese não é linear e muitas crianças e adolescentes chegam em momentos mais tardios, sem qualquer experiência de participação litúrgica. Tudo para eles é estranho. E não podemos dar como adquirido como no tempo ou nas situações em que as crianças frequentam a comunidade desde tenra idade. Parece-me que seria bom considerar esta realidade, por parte dos

catequistas, de tal modo que os que chegam mais tarde sejam iniciados, mesmo que o catecismo do ano que frequentam não aborde este assunto.

II. A atualidade da mistagogia

O sínodo extraordinário de 1985 colocou na ordem do dia a questão da mistagogia, afirmando a sua atualidade e apontando-a entre os elementos fundamentais para a renovação da liturgia: «as catequese, como já acontecia no início da Igreja, devem voltar a ser um caminho que introduza na vida litúrgica, sejam por isso catequese mistagógicas»⁴. Passados tantos anos podíamos perguntar-nos em que ponto estamos relativamente à resposta a este desafio? A catequese mistagógica está a ser praticada nas nossas comunidades e devidamente adaptada às novas gerações? Certamente que haverá boas experiências neste âmbito e todos estamos convencidos da atualidade deste método, mas é necessário descobrir a sua urgência e necessidade para que a linguagem litúrgica e a celebração dos mistérios da fé possam ser entendidos, acolhidos e vividos por quem neles participa e os símbolos da nossa fé possam falar de novo àqueles a quem se dirigem. Na verdade, não haverá vida litúrgica autêntica sem o conhecimento do mistério celebrado na liturgia⁵. Teremos sempre de responder à pergunta: o que significa este rito, este gesto, esta palavra (cf. Ex 12, 26)? Aliás, o próprio Jesus, no contexto da Última Ceia, depois de lavar os pés aos discípulos pergunta-lhes: «compreendeis o que vos fiz?» (Jo 13, 12). O próprio Jesus faz-se intérprete, exegeta e mistagogo do seu gesto: «se eu que sou Senhor e Mestre vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros» (Jo 13, 14). Tal como nos gestos eucarísticos do pão e do vinho, também no lava-pés se encerra todo o mistério de Cristo, todo o sentido da Sua existência. Compreender estes gestos significa conhecer Cristo.

A mistagogia oferece-nos um caminho seguro para um conhecimento aprofundado do mistério de Cristo. Precisamos de introduzir cada vez mais este método no âmbito da catequese para conduzirmos as novas gerações numa compreensão cada vez mais efetiva e afetiva da celebração.

⁴ Sinodo dei vescovi, *La chiesa, nella parola di Dio, celebra i misteri di Cristo per la salvezza del mondo* II,B,b,2, in *Enchiridion vaticanum IX*, EDB, Bologna 2002, p. 1761, nr. 1779.

⁵ Cf. BOSELLI, G. *Il senso spirituale della liturgia*, Qiqajon, Magnano 2011. 27-28.

Aquele que participa na liturgia sem conhecer o mistério é semelhante a um dançarino que vai dançando sem ter o sentido e o ritmo da música. A mistagogia é assim o conhecimento do mistério narrado nas Escrituras e celebrado na liturgia. Tal como a exegese espiritual das Escrituras leva ao conhecimento de Cristo, assim a mistagogia, enquanto exegese espiritual da liturgia, é também conhecimento e inteligência espiritual de Cristo. Podemos aplicar também à mistagogia a conhecida expressão de S. Jerónimo: “*Ignoratio Scripturarum, ignoratio Christi est*”: ignorar as Escrituras, é ignorar Cristo. Do mesmo modo “*Ignoratio liturgiae, ignoratio Christi est*”: ignorar a liturgia, é ignorar Cristo⁶.

No âmbito da Catequese da infância e adolescência, como utilizar o método mistagógico para a transmissão e celebração da fé? O estilo e o conteúdo das nossas catequese estão efetivamente neste comprimento de onda? Os mais novos são verdadeiramente iniciados na compreensão do que são convidados a celebrar nos sacramentos e nas expressões da vida cristã da comunidade?

III. Como é que a liturgia do nosso tempo pode transmitir a fé

Quem experimenta no dia a dia da missão pastoral a inquietação da transmissão da fé às novas gerações, de modo particular na catequese da infância e adolescência, sente muitas vezes que vai ensinando conteúdos que não informam a vida e que correm o risco de não atingir os seus objetivos mais imediatos. Deparo-me muitas vezes com um cenário preocupante para o qual, em conjunto com a comunidade, tenho procurado ensaiar algumas respostas: temos na paróquia cerca de 260 crianças e adolescentes na catequese; destes, menos de metade participam regularmente na celebração da comunidade. Com frequência, estou a celebrar e vejo chegarem dezenas de crianças que os pais “despejam” à porta quando se aproxima o final da Eucaristia. O que fazer para motivar esta gente para a participação na celebração? A que se deve esta atitude? Poderá a catequese prescindir da celebração? Certamente que todos temos algo a dizer na resposta a estas questões e o tema que aqui nos congrega desafia-nos a ensaiar algumas respostas para estas e outras realidades semelhantes.

⁶ Cf. Oc. 32.

Será que as nossas celebrações não são capazes de atrair os mais novos a uma participação viva, inclusiva e frutuosa? Será que as linguagens que usamos não são perceptíveis e já não conseguem falar de modo significativo às novas gerações? Ou será que não estamos a conseguir formar as pessoas e introduzi-las na profundidade e na beleza significativa dos sinais da fé?

Através da sua relação vital com a Sagrada Escritura, a liturgia é fonte primeira da fé, porque nela se guardam todos os conteúdos da fé Cristã. Se a Igreja acredita no que reza, cada liturgia é profissão de fé (*lex orandi – lex credendi*). De modo particular, cada celebração Eucarística é a maior profissão de fé. Assim os cristãos acreditam naquilo que a Igreja de Cristo crê quando reza a Oração Eucarística. Por tudo isto temos uma relação indivisível entre liturgia e transmissão da fé, de tal modo que celebrar a liturgia é também realizar o mais importante ato de transmissão da fé. Já Pio XI afirmava: “A liturgia é uma grande coisa. É o mais importante órgão do magistério ordinário da Igreja”. Certamente que estamos todos convencidos do contributo decisivo da liturgia para a transmissão da fé. No entanto, notamos também alguns vazios geracionais e alguma incapacidade no seio das nossas comunidades, como estes que antes referi. Como é que a liturgia de hoje transmite a fé? Temos tido muitos problemas na resposta a esta questão particularmente no que diz respeito às gerações mais jovens às quais não temos sabido transmitir convenientemente o significado da liturgia e o seu verdadeiro sentido. Esta questão toca não apenas todo o percurso catequético mas também o modo como a pastoral juvenil tem sido conduzida. Como temos educado os mais novos se não temos sido capazes de lhes transmitir o verdadeiro sentido da liturgia cristã? Qual é a qualidade de uma transmissão da fé que não chega a transmitir o sentido da liturgia, sabendo nós que a oração é o primeiro ato da fé? O Verdadeiro sentido da liturgia encontra-se e adquire-se no seu lugar próprio, na celebração da comunidade a que pertencemos, domingo após domingo.

Em tudo isto não nos pode ser alheia a tentação de alguns em voltar a velhos formalismos, certamente fruto de um certo cansaço no que diz respeito às nossas celebrações, tantas vezes caídas na rotina de um fazer porque tem que ser feito sem convicção e sem paixão. Esta tentação terá sempre tendência a ampliar-se se não formos capazes de introduzir as nossas comunidades no espírito da liturgia. Mas se a tentação de regressar a velhos formalismos é real, devemos também referir outra tentação de uma

procura ingênua do espetacular, ou seja, a liturgia como espetáculo, como fenómeno de atração, de envolvimento e de exaltação. O espetacular tem como fim oferecer emoções fortes, sensações intensas, de exaltar os afetos em detrimento da interioridade, da racionalidade, do pensamento, do silêncio e, sobretudo, da simplicidade dos meios e dos sinais que faz a liturgia cristã: um pedaço de pão, um pouco de vinho, as pessoas da minha comunidade, o padre, a minha igreja e a liturgia que nela se celebra e que não tem nada de espetacular. As nossas catequese têm necessariamente de introduzir as crianças e adolescentes naquilo que poderíamos chamar a “vida normal” da comunidade, nos seus sinais quotidianos. As crianças e adolescentes não podem habituar-se a participar apenas nas celebrações que “animam” com ritmos e expressões adaptadas. Também aqui a pedagogia catecumenal ajudará a uma inserção progressiva na grande comunidade e nos seus ritmos.

Sem pôr em questão a utilidade de tantos eventos eclesiais, podemos também perguntar-nos se não nos vamos habituando a liturgias espetaculares, emocionantes e exaltantes. Corremos o risco de termos liturgias espetaculares que encantam os olhos de toda a gente mas não convertem ninguém. No cristianismo, o essencial é invisível aos olhos. Se perdermos de vista o verdadeiro sentido da liturgia com toda a facilidade caímos no risco do formalismo e da espetacularidade. O desafio que temos diante de nós é o da redescoberta da seriedade, da simplicidade e da beleza da liturgia. Deste modo, recuperando estas três características, as novas gerações terão a real possibilidade de conhecer a liturgia cristã e, por ela, o mistério da fé.

Como pode a liturgia de hoje e de amanhã transmitir a fé? Os pastores e educadores da fé deverão antes de mais responder adequadamente a uma necessidade que os crentes hoje manifestam muitas vezes, de modo ambíguo e confuso, e que requer uma grande capacidade de discernimento pastoral e o dom de uma clara intuição espiritual: é a necessidade de encontrar na liturgia uma atmosfera mais orante e meditativa que consinta responder ao desejo de apropriação pessoal daquilo que se diz e se faz na ação litúrgica. No dizer de alguns, uma liturgia mais espiritual e menos convivial, onde haja menos palavras e mais Palavra, menos sinais improvisados e mais sinais significativos. A autêntica festa litúrgica é antes de mais interior, silenciosa, calma e sóbria, porque é a festa da fé. Mas atenção, falar de festa interior não quer dizer o desejo do retorno ao intimismo ou desprezar a insubstituível manifestação corporal e sensível que a liturgia necessariamente implica

enquanto ação humana e destinada ao homem. Quando falamos de uma liturgia mais contemplativa, estamos a dizer a urgência de recuperar o primado da interioridade que um certo assento na exterioridade colocou em segundo plano. Tocamos aqui o conceito de participação ativa, tão querido ao Concílio Vaticano II⁷.

“A liturgia de amanhã exigirá que cada cristão tenha condições para alcançar o conteúdo da liturgia, unida à redescoberta de uma atmosfera mais orante e contemplativa. Este é um dos pressupostos essenciais, embora não seja o único, para que a liturgia possa ser lugar de transmissão da fé”⁸.

Concretizando um pouco mais: a celebração faz-se de gestos, palavras, sinais, música, usa algumas vezes a iconografia, etc. Para muitos que nunca foram iniciados, este complexo é estranho e provoca o tal curto-circuito que os faz desligar dos códigos linguístico-celebrativos da comunidade. A iniciação cristã como caminho de inserção na comunidade tem de passar pela aquisição de conteúdos sérios que introduzam o adolescente na comunhão com Deus e com a comunidade. Seria uma boa ocasião para um ano de formação contínua sobre a celebração da fé.

“Uma relação mais forte da catequese com a liturgia. De facto, a liturgia é a fonte e o cume de toda a vida cristã (cf. LG 11), onde os catequizandos experimentam o que ouvem na catequese e descobrem os sinais visíveis da presença e ação de Deus; por isso, a catequese deve iniciar aos espaços, gestos, comportamentos, símbolos, ritos celebrativos. E, sobretudo, levar a viver na celebração litúrgica e na oração o que aprendem sobre a vida cristã”⁹.

Temos no âmbito das orientações para a catequese da adolescência algumas celebrações propostas onde é possível intensificar esta formação para as linguagens da liturgia. A festa da Vida, a festa da Luz, a festa das Bem-aventuranças, a celebração do envio e a celebração do sacramento do Crisma, oferecem possibilidades extraordinárias para uma compreensão aprofundada dos sinais da liturgia. Na festa da Vida evidencia-se a Cruz e a Palavra. A linguagem proposta

⁷ Cf. BOSELLI, G. *Il senso spirituale della liturgia*, Qiqajon, Magnano 2011. 224-225.

⁸ BOSELLI, G. *Il senso spirituale della liturgia*, Qiqajon, Magnano 2011. 228.

⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, Nota Pastoral, «*Para que acreditem e tenham a vida*», 2005. Nº 4b.

na celebração que o catecismo apresenta poderia ser um pouco mais ousada no sentido de uma maior proximidade com o grupo a quem se dirige.

No contexto da festa do Envio, ponto de chegada do percurso catequético, valoriza-se um elemento que, tendo quase desaparecido da liturgia, mantém uma valência simbólica extraordinária, o sal que, juntamente com a água, bem evidenciada na celebração, oferecem a possibilidade de introduzir toda a comunidade numa compreensão mais viva dos sacramentos.

Os nossos bispos, no citado documento, afirmam que “a vida cristã é como os talentos do Evangelho que são dados a cada um para pôr a render através do testemunho da caridade e do serviço ao Reino de Deus. A vida cristã é como a luz que deve irradiar à sua volta. O testemunho, por sua vez, fortalece e aprofunda a fé dos fiéis. Estes momentos não são compartimentos autónomos e separados. Estão em comunicação uns com os outros. Por isso, a catequese não pode preocupar-se apenas em esclarecer e solidificar a fé mas também em despertá-la e avivá-la continuamente, retomando o primeiro anúncio e orientando na conversão ao Senhor (cf. CT 19). Precisa igualmente de orientar para a celebração e para o testemunho da fé”¹⁰.

Além da celebração e juntamente com ela, a nossa tradição dispõe de elementos importantes que ajudam à compreensão da celebração e de todo o complexo da vida cristã. Refiro-me ao contributo da arte e à necessidade de incluirmos na formação catequética também esta dimensão hoje tão importante.

Há alguns anos tomei consciência disto dum modo muito simples: estava a conversar com uma criança que ia fazer a primeira comunhão e, no final da conversa, convidei-a a ir rezar diante do sacrário. Logo me respondeu que nem pensar! A iconografia presente na porta do sacrário, para aquela criança, era repugnante – tratava-se, no entanto, de uma valiosa obra de arte moderna (Agnus Dei). Tive oportunidade de lhe explicar que se tratava de uma representação de Jesus; falei-lhe do cordeiro de Deus e, no final, quase a implorar-me, diz-me: deixe-me ir rezar a Nossa Senhora!

¹⁰ Conferência Episcopal Portuguesa, Nota Pastoral, «*Para que acreditem e tenham a vida*», 2005. Nº 3,5.

Desde as primeiras gerações cristãs, como atesta a arte presente já nas catacumbas, a comunidade procurou dizer e manifestar a fé através da arte. No séc. IV, quando Gregório Magno definiu *Biblia Pauperum* tudo aquilo que embelezava os lugares de culto cristão, e os códigos visivos alimentavam a fé e o culto das comunidades, esta linguagem icónica, tendo a capacidade de se dirigir diretamente ao coração do homem, permitiu, nos séculos seguintes, que aos crentes não fossem transmitidos apenas conceitos e conteúdos, mas sobretudo sugestões que abrissem o coração ao Mistério de Deus¹¹. Estes símbolos cristãos ajudam a criar referências e, por isso, precisam de ser descodificados de modo a cumprirem a sua missão. Muitas das nossas igrejas estão cheias de obras de arte que podem trazer novidade e despertar curiosidade. A leitura de uma obra de arte pode ser hoje, como ontem, uma extraordinária catequese. Temos feito esta experiência com os mais novos, no âmbito dos serviços educativos do nosso Museu Diocesano de Santarém, com boa receptividade da parte das crianças e adolescentes e até de pais e catequistas.

Outro elemento de extraordinária importância é a música. Uma celebração animada pelo canto litúrgico favorece não apenas a participação ativa mas torna-a mais bela e feliz.

«Na celebração, a arte musical é ação simbólica em relação a uma participação viva e consciente. Arte simbólica porque capaz de evocar o mistério. Arte mistagógica porque capaz de introduzir no mistério. O canto da oração litúrgica é entendido na base da teologia da própria oração litúrgica. É canto que exprime aquela realidade viva que nasce, cresce e se desenvolve, na força do Espírito Santo, para introduzir o orante litúrgico no mistério de Deus que se revela ao homem e do mistério do homem que entra em comunhão com Deus, através do evento celebrativo. Preso e conquistado pelo fascínio desta Presença Divina sacramental, o homem reza cantando e canta rezando»¹².

Algumas experiências têm sido ensaiadas entre nós, mas falta ainda aprofundar este trabalho e oferecer aos mais novos melodias e textos

¹¹ Battaglia, E. – Rampazzo, F., *Il Colore «sacramento» della Bellezza*, Padova, Messaggero Padova, 2003, 144.

¹² Giuseppe Liberto, in *LITURGIA EPIFANIA DEL MISTERO*, 53ª Settimana Liturgica Nazionale, CAL, Roma 2003, 151-154

adaptados para que a sua participação na celebração possa ser mais viva e bela.

Como é que a liturgia do nosso tempo pode transmitir a fé?

A resposta a esta questão teremos sempre de a ensaiar todos os dias nas nossas lides pastorais. Uma coisa parece-se certa: só uma comunidade animada pela Palavra de Deus pode transmitir a fé. Isto obriga-nos a uma catequese de dimensão missionária que forme discípulos, como nos adverte o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* no número 120. Estamos sempre no âmbito do primeiro anúncio que conduz ao encontro real com a Palavra, experimentada no seio da comunidade que vive e celebra a fé. Para isso é necessário:

- **Ajudar** pastores e catequistas a crescer na consciência real e não apenas teórica de que estão ali, não a título pessoal mas em nome de uma comunidade cristã da qual são pedras vivas. Este assento na vida real significa valorizar a experiência crente de pessoas chamadas a anunciar a sua fé e não apenas a repetir aquilo que o catecismo apresenta: o encontro acontece entre pessoas, não entre ideias;
- **Assegurar** um acolhimento pastoral dos mais novos na vida comunitária. Se um jovem continua a participar na vida da comunidade cristã e nos seus percursos educativos depois do Crisma, é porque encontra na comunidade um lugar agradável para estar, capaz de preencher a sua vida. Se não conseguirmos assegurar uma continuidade entre catequese e vida, esta possibilidade de encontro ficará gorada à partida. Só no encontro que se torne inserção na comunidade, cujo estilo de vida apaixone e onde a Palavra escutada, partilhada, celebrada e vivida (*lex orandi – lex credendi – lex vivendi*) se torna condição pela qual a Páscoa de Jesus pode ser celebrada, no termo de um itinerário catecumenal, fará sentido celebrar a Eucaristia e colher dela os seus frutos¹³.

¹³ Cf. Morante, G., *Linee Catechistico-Liturgiche e Prospettive Pastoral*, RV 1 (2004), 236.

IV. Haverá lugar na Catequese para os sinais da religiosidade popular?

Pareceu-me oportuno terminar esta exposição com algumas considerações, a jeito de sugestão, acerca da religiosidade popular na catequese. Vencidos alguns preconceitos relativamente a esta expressão da vida cristã, percebemos que muitas pessoas descobrem, ou redescobrem, a sua relação com Deus em diversos âmbitos de expressão popular. Esta experiência, não raras vezes, envolve a família, grupos de amigos, pessoas de variadas proveniências e sensibilidades culturais e religiosas. Sentem-se tocadas pelos sinais da fé e pela experiência religiosa que eles provocam e despertam. São aberturas para a fé e para o encontro com Deus.

No âmbito do percurso catequético, na diocese de Santarém, temos feito, nos últimos anos, uma experiência positiva e com alguns frutos: a visita das crianças da Primeira Comunhão e dos jovens crismandos à Igreja Catedral acaba por se tornar uma verdadeira peregrinação que os leva a descobrir a Igreja Mãe da Diocese, a contactar com o Bispo diocesano, a fazer uma primeira experiência de participação numa grande assembleia e, ao mesmo tempo, a contactar com a beleza da arte cristã. Por sua vez, tem aumentado a presença dos grupos de adolescentes e jovens na celebração da Missa Crismal onde é consagrado o Santo Crisma com o qual serão ungidos. Estas atividades, preparadas com o apoio do Secretariado Diocesano da Catequese de Infância e Adolescência, têm despertado interesse e dado os seus frutos. Ao mesmo tempo, na Diocese, o Bispo lançou a exigência de participação num retiro espiritual na proximidade da celebração do Crisma. Esta experiência é muitas vezes apontada como um dos momentos mais significativos da preparação para a Confirmação.

Mas se a peregrinação à Igreja Catedral é importante, a experiência de peregrinação a um grande Santuário, com alguns percursos a pé, permite, muitas vezes, um caminho sério de encontro com Deus. Também a Peregrinação a Taizé é hoje um momento importante na vida de muitos adolescentes e jovens.

A valorização de outras expressões da religiosidade popular como a devoção a Nossa Senhora e aos Santos padroeiros, o Terço, a Via-Sacra, a Via da Luz, as tradições ligadas ao Natal e à Páscoa bem como as novas experiências de missão (missões de rua, a missão país, entre outras) são outras tantas possibilidades que se nos oferecem. A preparação para estes momentos, no

âmbito da catequese pode revelar-se como um importante momento para fazermos catequese, para iniciarmos os mais novos nos sinais da fé e na dinâmica da vida cristã.

Evangelizar com a beleza da liturgia

O tema destas jornadas, no espírito da *Evangelii Gaudium* 24, coloca a questão da liturgia como um desafio de evangelização do nosso tempo. Esta é também uma tarefa da «Igreja em saída» porque a Boa Nova tem de chegar às periferias e estas têm direito a saborear e ver como o Senhor é Bom, têm direito a alimentar-se d'Ele, a deixar-se envolver pela beleza da Sua presença. Na verdade, a «evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte de um renovado impulso para se dar»¹⁴. Que este impulso possa estar bem presente nos nossos trabalhos apostólicos.

¹⁴ EG 24.

A misericórdia de Deus na Bíblia

P. J. FRANCLIM PACHECO (*)

No âmbito Nacional da Educação Cristã somos convidados uma vez mais, e de modo particular no horizonte do Ano Jubilar a acolher o anúncio sempre novo: «Felizes os misericordiosos porque alcançarão misericórdia».

Acolher a misericórdia e ser misericordioso é ter Jesus Cristo como fonte e modelo da forma de ver, de viver e de agir¹. Ele é o rosto da Misericórdia, lembra-nos a Bula *Misericordiae Vultus* que nos nn. 6-9 nos apresenta um excelente resumo do tema da Misericórdia na Sagrada Escritura. Chamados a seguir Jesus Cristo e, como catequistas, chamados a educar na Misericórdia, precisamos continuamente de rever os nossos esquemas e modos de agir à luz dos critérios e modos de agir de Deus: procurar ser Misericordiosos como o Pai, lema do Ano Jubilar.

Começa desta forma o n. 7 da Bula:

«Eterna é a sua misericórdia»: tal é o refrão que aparece em cada versículo do Salmo 136, ao mesmo tempo que se narra a história da revelação de Deus. Em virtude da misericórdia, todos os acontecimentos do Antigo Testamento aparecem cheios dum valor salvífico profundo. A misericórdia torna a história de Deus com Israel uma história da salvação. O facto de repetir continuamente «eterna é a

(*) Biblista, Doutoramento em Teologia, especialização Bíblica, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Presbítero da Diocese de Aveiro. Membro do Secretariado Permanente do Conselho Presbiteral e Delegado diocesano para o Ecumenismo. Membro do Conselho Científico e Professor no Instituto Superior de Ciências Religiosas de Aveiro.

¹ Nota Pastoral na Semana Nacional da Educação Cristã, 2015.

sua misericórdia», como faz o Salmo, parece querer romper o círculo do espaço e do tempo para inserir tudo no mistério eterno do amor. É como se quisesse dizer que o homem, não só na história mas também pela eternidade, estará sempre sob o olhar misericordioso do Pai».

Antigo Testamento

Pode fazer-se uma análise sobre a misericórdia de Deus no Antigo Testamento a partir dos termos hebraicos e suas traduções em grego habitualmente usados para a indicar. No entanto, esta análise poderá ser bastante redutora. Na verdade, toda a Bíblia, desde a primeira à última página, é palavra de misericórdia. Por todo o lado, com termos, frases ou narrações demonstra-se que Deus é amoroso, compassivo, fiel, terno, piedoso, benévolo, clemente, paciente com o seu povo e com todos os que o procuram. A terminologia é somente o modo de tentar exprimir tudo o que Deus é e se manifesta no seu agir.

No entanto, há termos que são usados de modo especial para falar de Deus:

- O termo *hesed* usado no salmo 136 acima referido e traduzido por «misericórdia» ou «amor», também pode significar «bondade», «benevolência». Quando o termo *hesed* é usado no sentido genérico de «amor», é traduzido em grego por *agapê*, com o verbo correspondente «amar»/*agapein*. Nota importante é que quer o substantivo quer o verbo são usados apenas para falar de Deus. Só Deus é capaz de amar desta forma, só Deus é Amor/*agapê*.
- O termo *rahamim*, com o seu correspondente grego *splánchna*, traduzido habitualmente por «vísceras», indica os interiores (coração, fígado, pulmões) dos animais oferecidos em sacrifício; significa também o seio da mulher; finalmente, em uso metafórico, quer dizer o amor visceral da mãe, mas também do pai², do irmão³. Trata-se da união de sangue que une os parentes próximos com a força do instinto vital e afetivo, não controlado pela razão. É a misericórdia exagerada, fora do senso comum.

² Cf. Is 63,7.15.

³ Cf. Gn 43,30.

O correspondente verbo grego *splánchnízomai* significa «ter vísceras de compaixão, experimentar comoção visceral, misericórdia e ternura, comover-se»; é o apertar do coração perante qualquer miséria humana. É usado somente para Deus ou para Jesus.

O êxodo e o dom da terra

A misericórdia de Deus, no Antigo Testamento, revela-se antes de mais na relação entre o povo e a terra. Antes de «fazer sair» do seu seio materno o seu filho predileto Israel, unigénito quanto a direitos de paternidade⁴, Yahweh prepara-lhe um ninho onde possa encontrar subsistência para si, para os seus filhos e para os filhos dos seus filhos. Já a primitiva escuta de Deus do grito dos Israelitas, feito ainda quando era quase ideal a aliança com eles, representa a obra prima de todo o ato de amor.

Os israelitas continuavam a gemer e a clamar sob dura escravidão. E os gritos de socorro devidos à escravidão subiram até Deus. Deus ouviu os seus lamentos e lembrou-se da aliança com Abraão, Isaac e Jacob⁵.

Um pouco adiante é descrita a ação de Deus que se faz próximo e age. Esta ação é apresentada com uma sucessão de verbos:

Eu vi a opressão do meu povo que está no Egito
e ouvi o seu clamor diante dos seus opressores;
conheço, na verdade, os seus sofrimentos.
Desci a fim de o libertar da mão dos egípcios
e de o fazer subir desta terra
para uma terra boa e espaçosa
para uma terra que mana leite e mel...⁶

A escuta ativa é o primeiro ato de justiça de Deus e, obviamente, também um ato de misericórdia. De facto, as suas entranhas comoveram-se com a miséria dum povo oprimido por outro povo. Ele que tinha criado o homem para que pudesse fruir da terra numa comunhão fraterna, tinha já escutado e sofrido com

⁴ Cf. Ex 4,22.

⁵ Ex 2,23-24.

⁶ Ex 3,7-8.

o grito da terra, cujo ventre tinha sido ferido e banhado com o sangue inocente do irmão derramado pelo irmão⁷.

Naquela história primitiva Deus intervém entre Caim e Abel – entre o culpado e o inocente – afastando Caim da terra, mas conservando-lhe a vida. Para fazer justiça, Deus não recorre à morte: teria assim perdido mais um filho. Deus quer dar ao homicida uma oportunidade de se converter, esperando que um dia seja acolhido pela terra⁸.

Quando a justiça é para a salvação da vida, entendida como comunhão fraterna, ela chama-se misericórdia. É estranho a Deus qualquer outro ato de justiça que não seja um ato de perdão. Deus dá-se a conhecer como alguém que é capaz de se compadecer. Por isso, Ele é Deus.

Os cc. 33-34 do livro do Êxodo narram a rebelião de Israel, com a adoração do bezerro de ouro, e a conseqüente punição de Deus com o rompimento da Aliança⁹. Moisés reza ao Senhor para que este perdoe ao seu povo, oferecendo-se a ele mesmo em troca¹⁰. Não basta – diz Moisés – que tu tenhas usado de misericórdia no início, dando-nos à luz para o deserto da liberdade. Tens que caminhar connosco, tens de permanecer unido ao teu povo.

Moisés e Yahweh parecem formar um casal, de cujo amor recíproco sairá a vida para Israel. Moisés está ligado visceralmente ao seu povo e fará com que Yahweh se una do mesmo modo. Moisés como que obriga Yahweh a assumir as suas responsabilidades em relação ao povo:

Acaso fui eu quem concebeu ou deu à luz este povo, para que me digas: carrega-o no colo, como se fosse uma ama a levar uma criança, até à terra que prometeste a seus pais? (Nm 11,12)

O Senhor «obedece» a Moisés com uma docilidade surpreendente e extrema:

⁷ Cf. Gn 4,10.

⁸ Cf. 2Sm 14,14.

⁹ Cf. Ex 32,15-24.

¹⁰ Cf. 32,32.

«Farei o que disseste, porque encontraste misericórdia aos meus olhos»¹¹.

Por amor dum homem aquele Deus salvará todo o povo.

Antes de renovar a aliança, Yahweh proclama o seu próprio nome:

Yahweh desceu na nuvem, parou junto dele e proclamou o nome do Senhor. Enquanto o Senhor passava diante dele, exclamou:

«Yahweh, Yahweh, Deus misericordioso e clemente, lento para a ira, rico de graça e fidelidade»¹².

Finalmente o Senhor completa o quadro da sua identidade: Ele é justo porque socorreu um povo escravo. É deste modo que quis introduzir-se na história. Este ato criador primordial tornou-se o arquétipo e o modelo de toda a justiça.

Apenas mais um dado que, escapando a um olhar menos atento, me parece importante. A relação de Yahweh com Moisés foi quebrada. Moisés, em várias ocasiões, após revoltas e murmurações do povo, dirigiu-se sempre à Tenda da Reunião a implorar o perdão de Yahweh. Porém, com a revolta pela falta de água¹³, tudo foi diferente. Em primeiro lugar, Moisés entrou na Tenda e não falou, não implorou uma vez mais a misericórdia do Senhor. No entanto, recebe a ordem de falar ao rochedo para que este dê água. Mas Moisés, irritado com o povo, chama-lhes rebeldes e desobedece à ordem de Yahweh. Em vez de falar ao rochedo, bate nele duas vezes, como se tudo dependesse dele. A consequência:

O Senhor disse a Moisés e a Aarão:

«Porque vós não acreditastes em mim, para provardes a minha santidade diante dos filhos de Israel, por isso não introduzireis esta comunidade na terra que lhes vou dar»¹⁴.

¹¹ Ex 33,17.

¹² Ex 34,5-7.

¹³ Nm 20,1-11.

¹⁴ Nm 20,12.

Porque já não confiou na misericórdia de Deus e deixou de ter misericórdia para com o seu povo, Moisés não entrou com o povo na Terra da Promessa.

A terra tinha sido concedida como o lugar onde Israel viveria em liberdade e assim devia permanecer para todos. Por isso, a escravidão como tal é praticamente abolida, conforme lembram as leis do Jubileu (Levítico 25).

Se o irmão que vive perto de ti cair na miséria e se vender a ti, não lhe imponhas trabalho de escravo. Considera-o como um assalariado ou agregado. Trabalhará contigo até ao ano jubilar. Então sairá livre de tua casa, juntamente com os filhos, e voltará ao seio da família e à propriedade de seus pais.¹⁵

Israel é uma só família, todos filhos dum único pai, pelo que todos devem viver a caridade como o primeiro dever social. O motivo último desta sensibilidade para a solidariedade é a memória do início, do êxodo do Egito.

Eu sou Yahweh vosso Deus que vos fiz sair do país do Egito para vos dar a terra de Canaan para ser o vosso Deus.¹⁶

O Antigo Testamento contém a ideia que toda a terra pertence a Deus, pelo que todos os homens podem usufruir livremente dela. Deus, no Génesis, criou a terra e confiou-a ao casal humano. Por isso, a liberdade de todos os indivíduos e de todos os povos e os meios de subsistência essenciais são um direito fundamental. O amor, a generosidade, o perdão da dívida, são autênticos direitos do irmão, pois todos os bens de que o homem dispõe vêm de Deus. Este comportamento justo é garantia de paz:

Cumpris as minhas leis e observais os meus decretos. Ponde-os em prática, e vivereis seguros na terra.¹⁷

Os profetas

Os profetas são os grandes defensores da justiça de Deus que exige do homem, especialmente dos reis, um agir em consonância com a sua misericórdia. Todavia, esta tarefa dos profetas foi muito dura e difícil desde os

¹⁵ Lv 25,39-41.

¹⁶ Lv 25,38.

¹⁷ Lv 25,18.

tempos mais antigos da profecia bíblica. Quem não recorda o grande profeta Elias a contas com o rei Acab e a rainha Jezabel que queriam arbitrariamente abusar da terra do pobre Nabot?¹⁸ O ato de injustiça, culminado no homicídio do irmão, não passa despercebido a Deus que envia o seu profeta a denunciá-lo.

Também o profeta Amós, tal como Elias, exerce a sua missão no reino do Norte, numa zona onde são mais fáceis falhas à fidelidade a Yahweh em favor de cultos idolátricos. O bem-estar de muitos e a sua prosperidade baseiam-se na injustiça e no despojamento dos pobres:

...Vendem o justo por prata e o pobre por um par de sandálias.
Esmagam sobre o pó da terra a cabeça dos fracos.¹⁹

...Oprimis o indigente e cobrais-lhe um imposto de trigo.²⁰

Deus decide intervir contra o seu povo a fim de o punir. Perante a intenção destruidora de Deus, o profeta Amós – tal como outrora Moisés – comove-se com o destino do seu povo, mesmo se culpado. A sua misericórdia é mais forte que o decreto de Deus:

«Senhor Deus, perdoa, eu te peço! Como poderá Jacob subsistir? Ele é tão pequeno!»²¹

A sua misericórdia contagia o coração de Deus:

Então o Senhor compadeceu-se: «Isto não acontecerá», disse o Senhor.²²

É extraordinário verificar como o amor dum homem pode levar o próprio Deus ao perdão. Deus ama o seu filho Israel com um amor paternal. Mas, tal como acontece com qualquer pai a cujas palavras o filho não liga, o mesmo acontece com Deus: o seu filho rebelar-se, despreza as suas palavras. Yahweh vive o drama da não-escuta do filho e já não sabe como lhe há de falar para o seu bem.

¹⁸ 1Rs 21.

¹⁹ Am 2,6-7.

²⁰ Am 5,11.

²¹ Am 7,2.5.

²² Am 7,3.6.

Ouvi, céus! escuta, terra, porque o Senhor fala:
Filhos eu criei e fiz crescer, mas eles rebelaram-se contra mim.²³

Israel não se dá conta do dano que a sua conduta lhe traz.

Onde quereis ainda ser feridos, vós que continuais na rebelião?
Toda a cabeça está doente, e todo o coração enfermo;
A vossa terra está devastada, as vossas cidades incendiadas pelo fogo,
o vosso solo, estrangeiros o devoram diante de vós,
e a desolação é como uma catástrofe causada por estrangeiros.²⁴

O próprio Deus interroga-se a si mesmo sobre o porquê da insensatez desta escolha²⁵. Porque é que o homem é atraído fatalmente pelo mal, pela violência, pelo egoísmo, mesmo sabendo que, no fim, isto lhe trará a ruína? A estas perguntas Deus não dá uma resposta, mas oferece a redenção. Entre a sanção e a morte do povo, Deus deixa – como a Caim – um espaço onde se possa verificar o milagre da conversão e do perdão.

Se o Senhor Todo-poderoso não nos tivesse deixado alguns sobreviventes, seríamos como Sodoma, semelhantes a Gomorra.²⁶

No coração dos livros de Jeremias²⁷ e de Isaías²⁸ os últimos redatores colocaram esplêndidas páginas de esperança. Depois dos anos de punição, usados por Deus para a correção, depois da dura e obscura prova do exílio, haverá uma consolação: os sobreviventes voltarão a Sião, um resto tornará a ver e reconstruirá Jerusalém.

Anunciai, louvai e proclamai: «O Senhor salvou o seu povo, o resto de Israel!»... Converterei o seu luto em alegria, eu os consolarei e alegrarei depois dos sofrimentos.²⁹

As «entranhas» de Deus respondem e correspondem às da mãe do povo: Raquel. O choro de Raquel é também o choro de Deus. Após a destruição

²³ Is 1,2.

²⁴ Is, 1,5.7.

²⁵ Cf. Jr 2,13.

²⁶ Is 1,9.

²⁷ Jr 30–31.

²⁸ Is 40–55.

²⁹ Jr 31,7.12-13.

de Jerusalém em 587 a.C. a maior parte do povo foi concentrada em Ramá, a norte de Jerusalém para ser exilada para a Babilónia. Nessa altura tomam consciência de quantos já tinham morrido na guerra.

Assim diz o Senhor: Em Ramá ouve-se uma voz, uma lamentação, um choro amargo; Raquel chora seus filhos, ela não quer ser consolada porque os seus filhos já não existem.³⁰

Deus compara-se ainda a uma mãe que não se pode esquecer do seu filho:

Sião reclama: «O Senhor abandonou-me, o meu Deus esqueceu-se de mim!». Pode uma mulher esquecer o seu bebé, deixar de querer bem ao filho das suas entranhas? Mesmo que alguma esquecesse, eu não te esqueceria!³¹

NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento deparamo-nos com uma riqueza de termos que tiveram uma longa evolução. As palavras evocam muitas vezes imagens que são colocadas em conjunto como peças dum mosaico para compor de algum modo o rosto de Deus. Encontramo-nos perante um Deus pai, mãe, esposo, médico, bom samaritano, bom pastor, amigo... É claro que cada imagem por si nem mesmo todas em conjunto esgotam a descrição de Deus.

Talvez a expressão «entranhas de misericórdia» constitua o atributo mais misterioso e qualificante da sua natureza. Na verdade, escolhendo misericordiosamente Israel e renovando continuamente as alianças até estabelecer a aliança definitiva com Cristo, Deus revela-se Amor misericordioso:

Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Filho Unigénito para que todo o que nele crer não morra mas tenha a vida eterna.³²

Se Deus é misericordioso, o homem é chamado a receber, com gratidão, a misericórdia de que tem necessidade porque é limitado, doente, pecador; mas

³⁰ Jr 31,15.

³¹ Is 49,14-15.

³² Jo 3,16.

é ao mesmo tempo interpelado a tornar-se misericordioso com o próximo, com o irmão, com o inimigo. De contrário não poderá entrar no reino deste Deus. A misericórdia exige a profunda conversão do homem.

Vejamos alguns textos nossos conhecidos:

EVANGELHO DE MATEUS

No centro das Bem-aventuranças: Felizes os misericordiosos porque alcançarão misericórdia³³. Um pouco mais adiante, na sequência da oração do Pai-Nosso, surge o aviso:

Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai celeste vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai vos não perdoará as vossas³⁴.

Mateus é o único autor cristão, não só do Novo Testamento mas também dos primeiros séculos, a citar Os 6,6: «Eu quero misericórdia e não sacrifício», um texto que de propósito Mateus refere duas vezes: em 9,13 e em 12,7.

No discurso eclesial, isto é, nas instruções fundamentais sobre vida da comunidade, encontramos uma bela parábola³⁵ que merece a nossa atenção.

Pedro já tinha percebido que era necessário perdoar. Mas entende que essa obrigação tem um limite. Na prática, Pedro pergunta: devo mesmo perdoar sempre ao meu irmão? O número sete indica a plenitude, a totalidade. Jesus, respondendo, esclarece: «Ainda muito mais do que sempre», referindo-se ao estilo de vingança tribal representado por Lamec que se vangloriava de se vingar «setenta vezes sete»³⁶.

A parábola contada por Jesus exprime a relação primeiro entre rei/senhor e o seu funcionário e, depois, entre este e um companheiro. O acento da história está no contraste entre o modo de agir do rei e o do seu servo perdoado. Tal contraste é salientado pela enorme desproporção entre a dívida do primeiro

³³ Mt 5,7.

³⁴ Mt 6,7-12.

³⁵ Mt 18,21-35.

³⁶ Gn 4,23-24.

para com o seu senhor e a dívida que o companheiro tinha: 10.000 talentos para cem denários. Apresentando estes números em salários mensais da época: 2 400 000 salários mensais para 2,5 salários.

É precisamente aqui que assenta o novo encontro entre o servo e o seu senhor:

«Não devias também tu ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?».

Deus é sempre apresentado como o modelo: na perfeição, na compaixão, no perdão. Em Jesus, nas suas palavras e gestos a favor dos pecadores revela-se de modo definitivo o perdão esperado para os tempos messiânicos. Ao anunciar o perdão gratuito de Deus, Mateus recomenda à sua comunidade o perdão fraterno. Este perdão recebido de Deus de modo gratuito e inesperado é o modelo do perdão que deve caracterizar as relações na comunidade cristã.

EVANGELHO DE LUCAS

O Evangelho segundo Lucas, que iremos escutar ao longo do próximo ano litúrgico, pode ser considerado, entre outros aspetos, o Evangelho da Misericórdia.³⁷

A vinda de Jesus é saudada como a máxima revelação da misericórdia divina. No Magnificat³⁸ e no Benedictus³⁹ a misericórdia é referida como o motivo central do canto de louvor a Deus.

Maria, fazendo confluir no seu Magnificat o Antigo e o Novo Testamento, canta:

A sua misericórdia estende-se de geração em geração sobre aqueles que o temem.⁴⁰

³⁷ Lucas tem uma particular atenção em sublinhar a misericórdia de Jesus para com os pecadores e em apresentar Jesus como salvador (7,34.36-50; 15,4-32; 18,9-14; 19,1-10; 22,61; 23,39-43). Estes temas são de modo especial próprios (não exclusivos) de Lucas.

³⁸ Lc 1,46-55.

³⁹ Lc 1,67-79.

⁴⁰ Lc 1,50.

Esta misericórdia que atravessa todas as gerações é o fio condutor da história humana: a história de Maria, a história de Israel, a história de cada homem.

A promessa feita a Abraão encontrou o seu definitivo e pleno cumprimento. A salvação chama-se misericórdia e encontra a sua máxima expressão na encarnação do Verbo.

No Benedictus é anunciada a hora da salvação «porque Deus visitou e redimiu o seu povo»⁴¹. A salvação prometida pela boca dos profetas está a realizar-se: ela consiste no facto de Deus fazer misericórdia e, portanto, salvar os pecadores. A misericórdia trazida por Cristo não diz respeito apenas às gerações presentes e às gerações futuras mas também à história passada de Israel que, doutra forma, ficaria incompleta.

para fazer misericórdia com os nossos pais,
lembrado da sua aliança sagrada.⁴²

...«graças ao coração misericordioso (lit. vísceras de misericórdia) do nosso Deus, pelo qual nos visita o Astro das alturas».⁴³

A expressão: «Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso»⁴⁴ pode ser considerada a síntese das Bem-aventuranças segundo Lucas.

Mateus conclui o capítulo das Bem-aventuranças com esta frase: «Sede pois perfeitos, como o vosso Pai é perfeito»;⁴⁵ Lucas, que com toda a probabilidade conserva a frase original de Jesus, vê a perfeição de Deus no facto de ser misericordioso.

⁴¹ Lc 1,68.

⁴² Lc 1,72.

⁴³ Lc 1,78.

⁴⁴ Lc 6,36.

⁴⁵ Mt 5,48.

Observamos, por fim, que Lucas insere esta frase de Jesus entre o mandamento:

«Amai os vossos inimigos... e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é bondoso para com os ingratos e os maus».⁴⁶

e as exemplificações da misericórdia no seio da comunidade cristã.⁴⁷

«Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai, e vos será dado: uma medida boa, sacudida, transbordante vos será colocada nos braços. Pois a medida com que medirdes será usada para medir-vos».

Toda a moral cristã depende da revelação de Deus: se Ele é amor misericordioso, tu és chamado a tornar-te misericordioso com o inimigo e com o irmão.

As parábolas da misericórdia⁴⁸

Não é por acaso que as parábolas da misericórdia se encontram no centro do evangelho. Isto significa que a revelação do Deus misericordioso tem para Lucas uma importância...central.

1. O pastor com a ovelha perdida aos ombros⁴⁹

O título da parábola não devia ser «a ovelha perdida». O protagonista é claramente o pastor com a sua compaixão para com este animal que merecia levar umas vergastadas. O momento culminante está quando o pastor todo contente, com a ovelha aos ombros, faz uma festa com os seus amigos. Aqui Jesus está a revelar Deus. Não é por acaso que esta é uma das primeiras figuras produzidas pela fé cristã da comunidade primitiva.

⁴⁶ Lc 6,27-35.

⁴⁷ Cf. Lc 6,37-38.

⁴⁸ Lc 15.

⁴⁹ Lc 15,4-7.

A parábola não sublinha a fadiga do pastor nem a «maldade» da ovelha mas a alegria do encontro, referida por três vezes. É a alegria de Deus por um só pecador que se arrepende. É a alegria de Jesus por um só pecador que se aproxima dele e se deixa prender no abraço do seu amor misericordioso, como acontecerá com a pecadora, com Zaqueu, com o ladrão na cruz.

2. A mulher que procura com cuidado a moeda perdida⁵⁰

Se antes Deus era como um pastor, agora é apresentado na metáfora duma pobre mulher que com muito cuidado quer reaver a sua moeda perdida: acende uma lâmpada, varre a casa, procura atentamente até a encontrar, chama as amigas e vizinhas, convida-as a participar numa festa que custa mais que a moeda encontrada! Se tivesse perdido todas, não teria feito mais do que por uma só!

3. A parábola do pai misericordioso⁵¹

Esta parábola divide-se claramente em duas partes: o pai e o filho rebelde; o pai e o filho conformista.

O protagonista é o pai. A sua característica principal é a comoção visceral: o pai é mais pródigo no amor do que o filho em desperdiçar os bens. No coração da parábola está a sua paternidade extraordinária em relação aos dois filhos. É uma pessoa com aspetos tão originais que nos perguntamos que haverá semelhanças com os pais que conhecemos.

Ele dá plena liberdade e confiança aos filhos. Sem pedir explicações, põe nas mãos do filho a parte da herança que lhe cabe.

Ele sofre em silêncio a recusa da paternidade, quer na forma violenta do filho rebelde, quer na atitude hipócrita do filho mais «obediente». Não há palavras de lamentação, de reprovação. É paciente.

No momento em que o filho pródigo regressa, a parábola fotografa o pai com cinco verbos: Quando ainda estava longe, o pai viu-o e comoveu-se (lit. sentiu

⁵⁰ Lc 15,8-10.

⁵¹ Lc 15,11-32.

mover as suas vísceras). Correu ao seu encontro e abraçou-o, e beijou-o⁵². Estes verbos descrevem as atitudes do pai que se envolve num amor que é paterno, materno e amigo.

O pai está «louco» de amor e de alegria. Agora manifesta uma pressa que envolve todos: é urgente preparar imediatamente uma grande festa porque, diz ele, «o meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado» (15,24). A túnica mais bela, as sandálias e o anel são símbolos da dignidade filial tornada a dar pelo pai.

Em relação ao filho mais velho, o pai humilha-se, vai ao seu encontro, explica-lhe o sentido da festa, convidando-o a acolher a paternidade e a fraternidade.

É o Pai que, por meio de Jesus, nos torna a dar a dignidade de filho e de irmão. O Pai, com as suas vísceras de misericórdia, faz-nos descobrir as dimensões profundas do nosso ser, a origem e o fim do nosso viver, faz-nos reencontrar o caminho de casa.

4. A parábola do bom samaritano⁵³

Com uma grande parábola – apenas referida por Lucas – Jesus responde de modo extremamente concreto à pergunta: «E quem é o meu próximo?»⁵⁴. A pergunta pode ser entendida como: «Quem devo amar?», ou como: «Quem me é próximo? Quem me ama?». No fundo são tocadas duas necessidades humanas básicas: ser amado e amar.

Jesus responde com a conhecida parábola do bom samaritano: ele é o próximo que nos ama e nós somos o homem ferido que recebe os seus cuidados; mas também nós somos chamados a ser bons samaritanos em relação a todo o que precisa.

O sacerdote do templo, guarda da lei e da religião, vê o pobre homem e passa à frente. O mesmo faz um levita. Quem se faz próximo é, e não por acaso, um samaritano, um homem desprezado pelos judeus como herege.

⁵² Lc 15,20.

⁵³ Lc 10,29-37.

⁵⁴ Lc 10,29.

Também o próprio Jesus é apelidado pelos seus adversários como samaritano e endemoninhado⁵⁵. Por seu lado, Jesus parece ter simpatia por eles;⁵⁶ mais ainda: na figura dum samaritano, um estrangeiro, está o próprio Deus como modelo.

- a) «Passando ao seu lado, viu-o»⁵⁷

A primeira coisa é olhar, abrir bem os olhos e os ouvidos. Também o sacerdote e o levita o viram, mas foi um ver superficial e estéril.

- b) «...e teve compaixão dele»⁵⁸

Dos olhos ao coração. De novo a comoção visceral de Jesus expressa com o mesmo verbo empregado para indicar a misericórdia do pai para com o filho pródigo.⁵⁹ É o sentir a situação como sua.

- c) «Socorreu-o»⁶⁰

Do coração saem imediatamente intervenções pontuais que estão ao alcance de todos:

«Aproximou-se». É o primeiro movimento: descer da sua posição e fazer-se próximo do homem que estava por terra sem possibilidade de se levantar.

«Ligou-lhe as feridas», entende-se: com amor⁶¹.

«Derramando óleo e vinho»: presta os cuidados com aquilo que tem e o melhor que sabe fazer.

«Depois carregou-o sobre o seu jumento». E ele, o samaritano, vai a pé.

⁵⁵ Cf. Jo 8,48.

⁵⁶ Cf. Lc 17,16; Jo 4,7.39.42.

⁵⁷ Lc 10,31.

⁵⁸ Lc 10,33.

⁵⁹ Cf. Lc 10,33 com Lc 15,20.

⁶⁰ Cf. Lc 10,34-35.

⁶¹ Cf. Lc 2,7 e Is 61,1.

«Levou-o a uma hospedaria», para dele cuidar melhor.

«E dispensou-lhe cuidados», como se se tratasse dum irmão.

«No dia seguinte tirou dois denários». Era uma boa quantia (dois dias de trabalho): o samaritano desembolsa o dinheiro por sua iniciativa, gratuitamente.

«E deu-os ao estalajadeiro», confiando nele.

«Dizendo: cuida dele». Envolve assim também o estalajadeiro.

«...E o que gastares a mais, eu to pagarei no meu regresso». Empenha-se em pagar tudo o que for necessário para a cura completa.

Duma maneira prática são evidenciadas todas as passagens: dos olhos ao coração, do coração às mãos. Tudo inspirado e guiado pelas vísceras de misericórdia.

São as mesmas etapas percorridas por Yahweh para libertar Israel:

«Eu vi a miséria do meu povo no Egito e ouvi o seu grito...; de facto, conheço os seus sofrimentos. Desci para o libertar da mão do Egito...»⁶²

O caminho do pai misericordioso e do bom samaritano é traçado pela mesma sequência: ver, comover-se, realizar gestos de misericórdia.

Nós, que recebemos continuamente as atenções do bom samaritano Jesus, sentimo-nos gratos, mas também fortemente provocados: «Vai e faz o mesmo tu também»⁶³.

⁶² Ex 3,7-8

⁶³ Lc 10,37.

Catequese e prática da misericórdia

P. JOSÉ MANUEL PEREIRA DE ALMEIDA (*)

Procurar uma palavra que seja significativa, na conclusão deste vosso percurso, não é tarefa fácil...

Sobretudo com o título que me foi atribuído (e que acolho com todo o gosto).

Por um lado *Catequese*. Os presentes sabem, melhor que ninguém, o que é que dizemos quando dizemos 'catequese'.

Por outro lado, *Misericórdia*. Creio que não se falou de outra coisa desde o início destas Jornadas...

Que me resta? A *prática*? Ora bem: ou a "prática da misericórdia" está presente na prática que é a catequese, ou nem a catequese é catequese, nem a misericórdia é misericórdia.

Dito isto, como fazer? Que é como quem diz: como viver? Viver a misericórdia na nossa prática para que ela esteja presente na prática que é a catequese.

Encontramo-nos, deste modo, na perspetiva contrária àquele brinde de Godfrey Hardy (1877-1942), no ambiente académico de Cambridge, quando,

(*) Sacerdote do Patriarcado de Lisboa. Doutorado em Teologia Moral pela Universidade Gregoriana, em Roma. Secretário da Comissão Episcopal da Pastoral Social. Coordenador Nacional da Pastoral da Saúde. Assistente da Comissão Nacional de Justiça e Paz e da Cáritas Portuguesa.

levantando a sua taça, exclamou: “À matemática pura, para que nunca encontre aplicação”¹.

Equívoco de fundo

Mais vale prevenirmo-nos de um equívoco de fundo. Que poderia enunciar-se desta maneira: “Ter tanta misericórdia, ser tão misericordioso (e modesto) que, do alto das suas virtudes, pode ignorar as deficiências de todos os que o rodeiam e desculpá-los (coitados!) desde que isso não o incomode demasiado nem o possa prejudicar”.

Se a ‘misericórdia’ de que falamos tivesse alguma coisa a ver com isto – nem que fosse de modo tangencial – poderíamos acabar aqui a reflexão: estava tudo dito. E era uma mentira.

Mas para dizer *misericórdia* usamos palavras como cuidado, humildade, alegria, solidariedade, simplicidade. Ou preocupação. Ou solicitude. Compaixão. Proximidade.

O ícone da Misericórdia

A Comunidade Euménica de Taizé, que celebra este ano os 75 anos da sua fundação e nos convida a fazer memória do seu fundador, o Ir. Roger, no centenário do seu nascimento e dez anos depois da sua morte, ao refletir, ao longo do ano, sobre o tema “Para uma nova solidariedade”, decidiu encomendar a pintura de um ícone ao *atelier* francês de iconografia S. João Damasceno²: “o ícone da Misericórdia”.

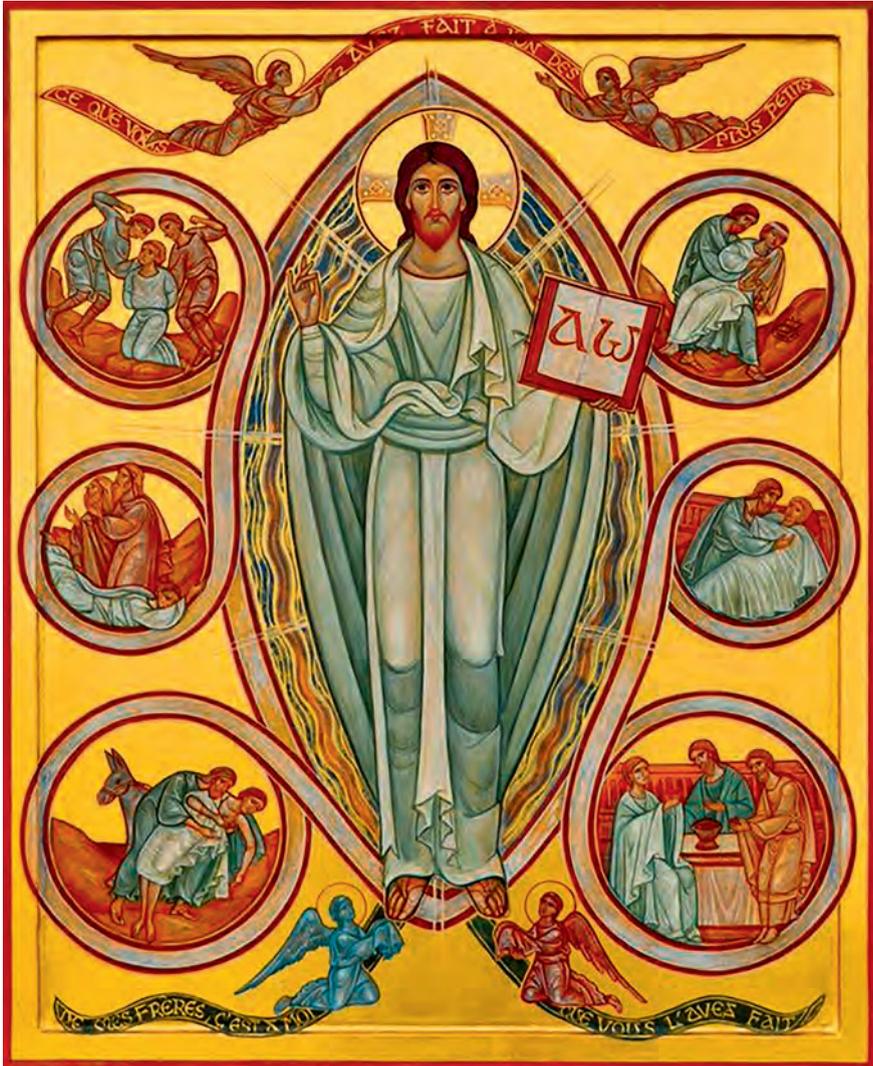
No centro do ícone está Cristo. Vestido de branco com uma tonalidade verde. A mão direita abençoa e a mão esquerda segura o Evangelho aberto com as letras gregas alfa e ómega.

Cristo está dentro de uma ‘amêndoa’ (*mandorla*) feita de camadas de azul escuro e vermelho, com linhas brancas e douradas que emprestam um movimento ondulatório ao conjunto. Há depois uma faixa que, fazendo o contorno,

¹ Cf. J.M. PEREIRA DE ALMEIDA, «As desigualdades sociais fazem mal à saúde», *Communio* 31 (2014) 2, 143.

² Cf. http://www.taize.fr/fr_article19176.html (consultado em 16 de agosto de 2015).

constitui lacetes que formam seis círculos dispostos regularmente, dentro dos quais está representada a parábola do bom samaritano (Lc 10,30-37), em imagens que se leem em duas colunas de cima para baixo.



Na primeira imagem vemos o homem que «descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores» (v.30b). Aqui está ele a ser espancado. Nota-se já a semelhança com representações da flagelação de Jesus.

«Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante» (vv.31-32). Aqui estão, na segunda imagem, o sacerdote e o levita a caminhar e a rezar, deixando o homem à beira do caminho. Não podemos deixar de notar que, nesta representação, as vestes da vítima têm cor branca com tom esverdeado como as do Cristo central.

No quadro seguinte, «um samaritano que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada» (vv.33-34). Bem vistas, as feridas do homem caído à beira do caminho são semelhantes às de Jesus crucificado: parece uma descida da cruz.

Depois a chegada à estalagem. Como que a deposição do corpo de Jesus no túmulo.

Na imagem seguinte já ele está na estalagem, numa bela cama, a ser 'cuidado' pelo samaritano. A veste do samaritano tem cor verde. «No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: "Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar"».

Mas há um último quadro. Pelos vistos o samaritano voltou. O homem ferido já está restabelecido graças também ao cuidado do estalajadeiro. E cá estão os três à mesa a partilhar uma refeição. É uma imagem que nos lembra imediatamente a representação da Trindade, segundo a tradição icónica. Tanto mais que uma figura está vestida de branco (o Filho) e outra de verde (o Espírito Santo). E lá está o cálice sobre a mesa. É o amor que restaura a humanidade à semelhança de Deus.

A parábola do Bom Samaritano

É verdade que sabemos de cor esta parábola, mas proponho que a escute-mos uma vez mais (Lc 10,25-37):

²⁵Levantou-se, então, um doutor da Lei e perguntou-lhe, para o experimentar: «Mestre, que hei de fazer para possuir a vida eterna?» ²⁶Disse-lhe Jesus: «Que está escrito na Lei? Como a lês tu?»

²⁷O outro respondeu: «*Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.*» ²⁸Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem; faz isso e viverás.»

²⁹Mas ele, querendo justificar-se, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?»

³⁰Tomando a palavra, Jesus respondeu:

«Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancada, o abandonaram, deixando-o meio morto. ³¹Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou adiante. ³²Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou também adiante.

³³Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. ³⁴Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. ³⁵No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: “Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar”. ³⁶Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?»

³⁷Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz o mesmo tu também».

A parábola³ insere-se num diálogo de Jesus com um doutor da Lei; o texto informa-nos de que ele O queria “experimentar”, pôr à prova: «Que devo fazer para ter como herança a vida eterna?» (v.25) Jesus pede-lhe que diga o que ele próprio entende acerca disso. A resposta daquele homem indica que tinha compreendido bem o centro das tradições éticas próprias da experiência de fé de Israel, unindo dois momentos sintéticos fundamentais: o amor a Deus (com referência a Dt 6,5) e o amor ao próximo (com referência a Lv 19,18).

³ Cf. J.M. PEREIRA DE ALMEIDA, «Ética cristã? Para uma leitura do capítulo 10º de *C'est moi la Vérité*», in F. MARTINS, A. CARDOSO (Org.), *A felicidade na fenomenologia da vida. Actas do colóquio internacional Michel Henry*, Centro de Filosofia da U.L. Editores, Lisboa 2006, 196-198.

Jesus aprova a sua síntese. Ao doutor da Lei, no seu desejo de ser justo (o texto apresenta-no-lo como «querendo justificar-se»), resta ainda uma pergunta comum a outros intérpretes da Lei antes dele: qual é a extensão do mandamento de amar o próximo? É a esta pergunta que responde a parábola de Jesus.

«Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores» (v.30). A atenção é posta imediatamente numa pessoa que, por circunstâncias particulares, se encontra em situação de necessidade. Acontece que, primeiro, um sacerdote e, depois, um levita passam por aquela mesma estrada. Qualquer deles tem o seu projeto, as suas coisas para fazer e ambos continuam o seu caminho. Não é dito que sejam más pessoas, não é dito que o que vão fazer é pouco importante. De cada um deles é dito somente que, tendo-o visto, 'passaram adiante' (cf. vv.31-32).

Há ainda um outro que, como eles, ao passar por ali, vê o homem caído à beira do caminho e o mal que lhe tinha sido feito. Ao contrário dos outros, deixa-se envolver. É um samaritano. E os judeus não esperam que os samaritanos lhes queiram bem. Também ele tinha que fazer, «ia de viagem» (v.33); mas o seu olhar é livre: vê aquela pessoa e a sua necessidade objetiva, 'enche-se de compaixão' (cf. v.33), para, 'aproxima-se' (cf. v.34) e presta-lhe o auxílio que está em condições de lhe oferecer.

Como conclusão desta parábola, Jesus faz uma pergunta ao doutor da Lei: «qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» (v. 36). A resposta é clara para o doutor da Lei, como para qualquer um que queira compreender. Mas a parábola inverte a pergunta inicial: não se trata de saber quem tem direito à tua ajuda ou ao teu amor; trata-se de compreender 'como' e 'para quem' estás em condições de fazer algum bem.

O amor que é o cumprimento da Lei não está definido por prévios limites de proximidade. É mesmo ele, esse amor, que te pede que sejas criador de proximidade.

Sendo o samaritano estrangeiro e herético para os auditores, a parábola de Jesus põe em evidência que o que torna 'justo' este homem não é o pertencer ao povo judaico. Não é por causa das genuínas tradições de fé que ele se comporta como nos é contado, mas por causa da sua genuína humanidade.

Ele é capaz de se fazer próximo porque os seus olhos veem, o seu coração sente, a sua inteligência compreende. Deixa-se mover pela compaixão a partir da presença de uma pessoa necessitada, porque «aproximando-se» (v.34) vê essa pessoa, porque na objetiva necessidade a sua subjetividade é questionada: não pode fingir que não vê, não pode fingir que não está ali, não pode fingir que não está em condições de o socorrer. Ele não faz senão o que, concretamente, está em condições de fazer. Mesmo a sua viagem, que teria uma finalidade, eventualmente relevante, não ficará sem ser concluída. Mas não se limita a fazer “qualquer coisa” para ficar com a “consciência em paz”. Não se autojustifica com uma qualquer forma de proximidade distraída: não se contenta com uma palavra de sentida comiseração, não discorre sobre a malvez dos assaltantes que o puseram naquele estado. A ajuda dada é a que é necessária; e assegura-se de que o estalajadeiro continue a prestar os cuidados necessários.

Os seus únicos critérios de decisão são a objetiva condição da necessidade e a objetiva possibilidade de lhe ir ao encontro. É o critério da gratuidade, o critério do amor pelo outro, sem preconceitos e sem o privilégio de si. Para compreender que comportamento é o justo, tendo estes critérios de avaliação, o bom samaritano não faz nada de extraordinário, não faz nada que não esteja nas possibilidades de qualquer outro no seu lugar. Usa simplesmente as suas capacidades humanas de compreensão para entender a condição real do outro e a sua pessoal relação com ele.

Proximidade e misericórdia

Para os discípulos de Jesus, recordar o conteúdo da parábola será certamente recordar também o facto de que o próprio Jesus foi e é para eles aquela figura de proximidade⁴. O convite a tornarem-se criadores de proximidade é para eles um chamamento a assumirem os mesmos critérios e os modos de relação reconhecidos em Jesus para com eles.

⁴ Cf. D. ABIGNENTE, «Prossimi, responsabili, discepoli. Il senso di una prospettiva», in D. ABIGNENTE, G. PARNOFIELLO (edd.), *La cura dell'altro. Studi in onore di Sergio Bastianel sj*, Il Pozzo di Giacobbe, Trapani, 2014, 51-54: «A pergunta constitutiva da honestidade humana e da resposta ao Senhor é uma: como fazer-se próximo. Nela se expressa a figura do evento moral como realidade de transcendência e de liberdade». A citação é da pág. 52. Espera-se para muito breve a edição portuguesa desta obra coletiva.

Voltando ao “ícone da Misericórdia” vemos, no cimo e em baixo, dois pares de anjos (três de vermelho e um de azul-petróleo) que adoram a Deus, tendo atrás uma faixa vermelha (em cima) e outra verde (em baixo) nas quais está escrito o versículo 40 do capítulo 25 do Evangelho de Mateus: «O que fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes».

Também conhecemos bem esta parábola (a terceira das histórias que compõem este capítulo e que dá o sentido das outras duas: a prudência – das jovens do azeite – e o risco de pôr a render os talentos não têm como finalidade o benefício próprio, antes se destinam ao bem do outro, especialmente se ele é pobre, se vive uma situação de fragilidade, se está necessitado: se é um dos ‘mais pequeninos’.

Proponho, igualmente, que a escutemos (Mt 25,31-37):

³¹«Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado por todos os seus anjos, há de sentar-se no seu trono de glória. ³²Perante Ele, vão reunir-se todos os povos e Ele separará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. ³³À sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os cabritos.

³⁴O Rei dirá, então, aos da sua direita: “Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. ³⁵Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, ³⁶estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.”

³⁷Então, os justos vão responder-lhe: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? ³⁸Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? ³⁹E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-te?” ⁴⁰E o Rei vai dizer-lhes, em resposta: “Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes”

⁴¹Em seguida dirá aos da esquerda: “Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e para os seus anjos! ⁴²Porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, ⁴³era peregrino e não me recolhestes, estava nu e não me vestistes, doente e na prisão e não fostes visitar-me”. ⁴⁴Por sua vez, eles perguntarão: “Quando

foi que te vimos com fome, ou com sede, ou peregrino, ou nu, ou doente, ou na prisão, e não te socorremos?”⁴⁵ Ele responderá, então: “Em verdade vos digo: Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer”.

⁴⁶Estes irão para o suplício eterno, e os justos, para a vida eterna».

«Não podemos escapar às palavras do Senhor, com base nas quais seremos julgados», diz-nos o Papa Francisco na *Bula de proclamação do Jubileu da Misericórdia*⁵: «Se damos de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede; se acolhemos o estrangeiro e vestimos quem está nu; se reservamos tempo para visitar quem está doente e preso (cf. Mt 25,31-45)».

E, pouco depois, conclui: «Em cada um destes “mais pequeninos”, está presente o próprio Cristo. A sua carne torna-se de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga... a fim de ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós. Não esqueçamos as palavras de São João da Cruz: “Ao entardecer desta vida, examinar-nos-ão sobre o amor”⁶».

Vai e faz o mesmo

Voltemos ao diálogo de Jesus com o doutor da lei, à conclusão que pretende retirar da parábola que acaba de contar (Lc 10, 36-37). Pergunta-lhe Jesus: «Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» (v.36). Recordamo-nos bem da resposta. Qualquer um de nós, para ser honesto, a teríamos dado: «O que usou de misericórdia para com ele.» E Jesus propõe-lhe: «Vai e faz o mesmo tu também» (v.37).

O que usou de *misericórdia*.

Os misericordiosos.

Esta formulação “os misericordiosos” não pode deixar de nos recordar as Bem-aventuranças (Mt 5,1-12) com que se inicia o Sermão da Montanha. A

⁵ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, n.15.

⁶ JOÃO DA CRUZ, *Ditos de luz e amor*, n.57.

meio dos nove enunciados, salta à vista a centralidade da *misericórdia* que é o quinto (v.7)⁷: «Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia». E, ainda por cima, diferente de todos os outros: em vez de uma recompensa, imediata ou futura, a *misericórdia*, «roda sobre si mesma», na feliz expressão de D. António Couto: «aos misericordiosos será feita misericórdia».

No Evangelho de Lucas, o Sermão da Planície contém a exortação: «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6,36). Somos filhos de um Pai de misericórdia: havemos de nos parecer com Ele sendo misericordiosos.

Concluo, citando o Papa Francisco na Bula *Misericordiae vultus*⁸: «No mesmo horizonte, havia de colocar-se o Beato Paulo VI, que assim falou na conclusão do Concílio: “Desejamos notar que a religião do nosso Concílio foi, antes de mais, a caridade. [...] Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo os quais se orientou o nosso Concílio. [...] Julgamos ainda digna de consideração uma outra coisa. Toda esta riqueza doutrinal orienta-se apenas a isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades”⁹».

«Vai e faz o mesmo tu também» (Lc 10,37).

Agora somos nós.

⁷ Cf. <https://mesadepalavras.wordpress.com/2013/10/31/a-provocacao-da-santidade-e-da-felicidade3/> (consultado em 25 de agosto de 2015).

⁸ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, n.4.

⁹ PAULO VI, *Alocução na última sessão pública* (7 de dezembro de 1965).

XXVI Domingo do Tempo Comum

Encerramento

das Jornadas Nacionais de Catequistas

D. NUNO BRÁS (*)

“Se alguém escandalizar algum destes pequeninos que creem em Mim, melhor seria para ele que lhe atassem ao pescoço uma dessas mós movidas por um jumento e o lançassem ao mar” (Mc 9,42). São particularmente duras e inesperadas estas palavras de Jesus, sobretudo quando proclamadas neste dia de encerramento das Jornadas Nacionais de Catequistas sobre a misericórdia. E, no entanto, elas são-nos apresentadas como “Palavra da Salvação” – o mesmo é dizer: com estas palavras do Senhor havemos hoje de confrontar a nossa vida de crentes e, igualmente, a nossa vida de catequistas a quem a Igreja confia o cuidado dos “mais pequeninos que creem em Jesus”.

1. A misericórdia divina, não o esqueçamos nunca, mais que um conjunto de ideias ou de propósitos é uma pessoa: “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai”, diz-nos o Papa Francisco. A misericórdia é a existência de um homem concreto: é Jesus de Nazaré. “Aliás – afirma ainda o Santo Padre – o amor nunca poderia ser uma palavra abstrata. Por sua natureza, é vida concreta: intenções, atitudes, comportamentos que se verificam na atividade de todos os dias. A misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós” (MV 9).

Mas como é que a misericórdia pode pronunciar palavras tão duras? Dela esperávamos palavras doces que nos tranquilizassem; esperávamos a

(*) Bispo Auxiliar de Lisboa. Membro da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé.

“tolerância” que tudo aceita e trata por igual; esperávamos que desse razão a este nosso modo de viver onde tudo está bem e onde todos nos queremos sentir no que chamamos a nossa “zona de conforto”. Essa seria a ideia, o sentimento, seria o conceito, o modo de pensar, que o mundo entende e deseja quando escuta a palavra “misericórdia” – uma espécie de indiferença que nos faz sentir bem porque não coloca em causa nada daquilo que somos e fazemos.

Mas pode o Amor – a misericórdia é o amor leal, constante, cuidadoso, a “responsabilidade de Deus por nós” – pode o Amor ser indiferente a alguém? Pode o Amor amar os seres humanos concretos, e conhecendo-nos melhor que nós mesmos, conhecendo toda a complexidade da nossa vida, com o turbilhão dos nossos sentimentos, das nossas indecisões, vontades, capacidades, pensamentos, ações, atitudes – generosas ou egoístas – pode o Amor ficar indiferente? E pode o Amor ficar indiferente diante do nosso cuidado ou do nosso esquecimento, senão mesmo egoísmo para com aqueles que nos são confiados?

E podemos nós ficar indiferentes ao Amor? Sim. Todos sabemos como essa recusa é perda de tempo; todos sabemos como essa recusa nos faz ser menos nós próprios; todos sabemos como essa recusa – na qual consiste o pecado – nos diminui. Todos o sabemos, mas creio que, igualmente e por experiência própria, todos sabemos que podemos ficar indiferentes ao Amor concreto de Deus por nós.

A misericórdia não apenas pode passar por nós sem nos darmos conta dela – quantos terão sido aqueles que se cruzaram com Jesus de Nazaré sem terem acolhido a misericórdia de Deus? – como até pode ser recusada. Recordemos o episódio chamado habitualmente do “jovem rico”: depois do diálogo com o Senhor acerca do que devia fazer para alcançar a vida eterna, o evangelista diz que Jesus olhou para ele “com amor” (γάπησεν) e disse: “Falta-te uma coisa: vai, vende o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-Me”. E o evangelista acrescenta: “Ele, porém, contristado com esta palavra, saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens” (Mc 10,21).

Não é a misericórdia quem condena. Somos nós que ao recusarmos o seu convite, ao recusarmos ser iluminados por ela (a luz coloca tantas vezes a claro

as nossas imperfeições!); ao recusarmos ser transformados no todo da nossa vida pela Misericórdia, somos nós que nos condenamos a nós mesmos – que colocamos a pesada mó dos jumentos e nos lançamos no abismo.

2. Mas o Senhor falava em “escândalo” (σκανδαλίσιΓή). Esta é uma palavra que pode parecer simplesmente do domínio moral: escandalizo-me com as atitudes de alguém; ou, ao contrário, não me escandalizo com elas – aceito (ou não) o seu modo de vida, apesar de parecer fora do comum...

Contudo, a palavra tem na sua origem uma outra realidade: trata-se de colocar uma armadilha, um tropeço no caminho de alguém. “Escandalizar” é impedir o caminho, a progressão, o crescimento; é causar a queda, a paragem. E, no caminho, os obstáculos tanto podem ser os muros erguidos como os buracos, as ausências, a falta de estrada por onde caminhar – mas, igualmente, a ausência de companhia que nos faz perceber que podemos caminhar por aquela estrada, à primeira vista pouco agradável, tortuosa e mesmo difícil de percorrer. Fazer caminho com alguém dá-nos força, coragem, anima-nos a não desistir nem voltar para trás.

No caso do caminho da fé – porque o Senhor se refere aos “pequeninos que creem em Mim” – esses obstáculos não se limitam ao mau exemplo dos que têm a missão de educar na fé, ou ao ensino de doutrinas erradas, verdadeiros muros que impedem o crescimento. São igualmente as ausências: ausências do testemunho da vida de fé e de como nela encontramos a verdadeira felicidade, o sentido pleno, cheio, da nossa vida; e ausências de quem não se dispõe a percorrer o caminho da fé com os outros – talvez nos pareça demasiado infantil; talvez já estejamos cansados; talvez nos pareça inútil... Mas se faltarem testemunhas creíveis, quem irá percorrer o caminho com aqueles que agora dão nele os primeiros passos?

3. Há dias, o Papa Francisco dirigiu aos Bispos de Portugal um conjunto de exortações. Dirigiu-as aos Bispos mas, por meio deles, dirigiu-as a todos os crentes de Portugal. Dirigiu-as aos Bispos como primeiros catequistas. Mas, por meio deles, dirigiu-as a todos os catequistas de Portugal.

“Com viva confiança em Deus, não percais a coragem perante situações que suscitem perplexidade e vos causam amargura, tais como [...] um grande

número de adolescentes e jovens que abandonam a prática cristã, depois do sacramento do Crisma”. E acrescentava: “não pode deixar de nos preocupar a todos esta debandada da juventude, que tem lugar precisamente na idade em que lhe é dado tomar as rédeas da vida nas suas mãos. Perguntemo-nos: A juventude deixa, porque assim o decide? Decide assim, porque não lhe interessa a oferta recebida? Não lhe interessa a oferta, porque não dá resposta às questões e interrogativos que hoje a inquietam? Não será simplesmente porque, há muito, deixou de lhe servir o vestido da Primeira Comunhão, e mudou-o? É possível que a comunidade cristã insista em vestir-lho? O seu Amigo de então, Jesus, também cresceu, tomou a vida em suas mãos no meio dalguma incompreensão dos pais (cf. Lc 2, 48-52) e abraçou os desígnios do Céu a seu respeito, tendo-os levado a cumprimento com abandono completo nas mãos do Pai (cf. Lc 23, 46)”.

E diz-nos ainda o Papa: “penso que, nos guiões preparados para os sucessivos anos de catequese, esteja bem apresentada a figura e a vida de Jesus; talvez mais difícil se torne encontrá-Lo no testemunho de vida do catequista e da comunidade inteira que o envia e sustenta”.

Mas o Santo Padre apontava também alguma soluções: ao catequista é pedido que ajude os jovens ao encontro pessoal com Jesus Cristo, que os torne capazes de responder a Deus que os chama. O mesmo é dizer: a aprender a não ficarem indiferentes, ao longo de toda a sua vida de fé, à misericórdia que em cada dia, no testemunho de tantos, passa por nós e nos convida a acolhê-la.

Caros irmãos e amigos catequistas: reconheçamos que, não raras vezes, escandalizamos, somos como uma pedra de tropeço daqueles que ainda não veem bem como é bom viver na fé; e que outras tantas vezes somos uma grande ausência.

Digamos ao Senhor hoje, agora, que não O queremos ignorar, ainda que isso nos custe dar tudo. A Sua misericórdia que nos ilumina e conduz é a verdadeira riqueza que alguma vez possamos ter encontrado na nossa vida. É dela que, apesar de todas as nossas fraquezas, queremos ser testemunhas.

